

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

RAMO ESTUDOS LOCAIS E REGIONAIS — CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

A Paróquia de Santiago de Bougado: A evolução dos centros de culto, do século XX à atualidade

Tiago José Areal Pereira

M

2023



Tiago José Areal Pereira

**A Paróquia de Santiago de Bougado:
A evolução dos centros de culto, do século XX à
atualidade**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pela
Professora Doutora Helena Osswald e pelo Professor Doutor João Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

Às Gentes de Bougado Grande

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	9
Abstract	10
Índice de Figuras	11
Índice de Tabelas.....	12
Índice de Gráficos.....	13
Introdução.....	14
1.A Paróquia de Santiago de Bougado.....	19
2.Os Párocos de Santiago de Bougado.....	26
3.Os Registos Paroquiais de Santiago de Bougado	28
4.O Aumento da População em Santiago de Bougado	32
5.Os Centros de Culto	35
5.1. Igreja de Santiago de Bougado	37
5.2. A Capela de Nossa Senhora da Graça.....	53
5.3. A Capela de Nossa Senhora do Desterro	56
5.4. A Capela de Nossa Senhora da Livração.....	63
5.5. O Santuário de São Gens	69
Considerações Finais	81
Bibliografia	83
Anexos.....	92
Anexo 1 - Memória Descritiva do Projeto de Nicolau Nasoni par a Igreja de Santiago de Bougado	93
Anexo 2 - Registo dos óbitos, casamentos e batismos da Paróquia de Santiago de Bougado	95
Anexo 3 - Fachada da Igreja de Santiago de Bougado	97
Anexo 4 - Interio da Igreja de Santiago de Bougado.....	98
Anexo 5 - Capela de Nossa Senhora da Graça.....	99
Anexo 6 - Capela de Nossa Senhora do Desterro Atualmente.....	100
Anexo 7 - Capela de Nossa Senhora da Livração Antes da Ampliação.....	101
Anexo 8 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Principal.....	102

Anexo 8 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Antiga	103
Anexo 9 - Capela de São Gens Antes da Ampliação	104
Anexo 10 - Capela de São Gens Atualmente – Fachada Principal.....	105
Anexo 11 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Antiga	106

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório/... é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Trofa, 17 de setembro de 2023

Tiago José Areal Pereira

Agradecimentos

Agradecer, de forma sentida é, de certa forma, prestar homenagem a todos aqueles que fazem parte de um percurso de vida e que, de algum modo acrescentam algo de bom ao meu percurso, quer pessoal, quer académico. Sentido, esse é o agradecimento que pretendo prestar ao longo das próximas linhas.

Em lugar primeiro, só pode ser para a minha família, pessoas que me acompanham diariamente e que sempre me incutiram uma visão responsável da vida. Ao longo destes anos académicos, a sua presença foi o maior pilar que poderia existir. A Família é quem ama, quem cuida, quem apoia, que nos aconselha no momento certo, entre outros, por isso, e por muitas mais razões, este primeiro agradecimento é então dedicado a essas pessoas que me viram crescer – Mãe, Pai, Padrinho, Avó Materna e Avós Paternos.

Em lugar segundo, agradeço à Família que pude escolher, aos meus amigos. Por acaso do destino, ou talvez por um ser superior, os nossos percursos cruzaram-se num determinado sítio, que nos é a todos muito especial. A eles – Luís, João, Sofia, Rita e Márcia – emano o meu agradecimento por todos estes anos de vivência e profunda amizade e que sempre possamos estar presentes em todos os momentos, nos piores e nos melhores, da vivência pessoal.

Em lugar terceiro, agradeço àqueles que partilharam cinco anos de vida académica comigo. Vivemos anos de muito estudo e trabalho e, sempre juntos, tentamos ultrapassar as adversidades que nos iam aparecendo pelo caminho. Juntos formamos os auto denominados *Três Pastorinhos* que se conheceram na licenciatura e que caminharam juntos até ao mestrado. A vós – Carla e Diogo, uma sentida amizade.

Em lugar quarto, agradeço ao Pároco de Santiago de Bougado pela sua colaboração para com este estudo, que possibilitou o acesso ao Arquivo e à Biblioteca Paroquial. Auxiliou também, na comunicação com a Excelência Reverendíssima Dom Pio Alves, que muito facilitou a procura de informação relativa aos centros de culto da paróquia. Ao Reverendo Padre Bruno Ferreira, pela sua amizade e cooperação, com amizade e dedicação, um agradecimento especial.

Em lugar quinto, agradeço a sua Excelência Reverendíssima Dom Pio Alves, Bispo Auxiliar do Porto, que permitiu o acesso dos processos de construção relativo aos centros de

culto da Paróquia de Santiago de Bougado, que se encontram no Arquivo Diocesano do Porto. Aqui, agradeço também a colaboração do Mestre Hugo Ferreira.

Por último, e não menos importante, agradeço aos Orientadores desta dissertação, à Professora Doutora Helena Osswald e ao Professor Doutor João Garcia, quer pela sua orientação, quer pela preocupação ao longo deste tempo. Recordarei, certamente por muitos anos, a visita de campos que fizemos, juntamente com o Diogo, aos espaços sacros da Paróquia de Santiago de Bougado. Aos Professores, uma estima gratidão.

A todos, um sentido agradecimento!

Resumo

O presente estudo pretende aprofundar os substanciais aumentos nos centros de culto da Paróquia de Santiago de Bougado, no século XX. Estes aumentos tiveram lugar nas capelas de Nossa Senhora do Desterro (1986), de Nossa Senhora da Livração (1990) e de São Gens (1996). Estuda também as campanhas de preservação e conclusão das obras da igreja paroquial (1984), bem como a restauro da capela de Nossa Senhora da Graça (2011). Estas alterações são consequência de um aumento demográfico ímpar que esta localidade sentiu, a partir da segunda metade do século XX.

Na mesma centúria, a paróquia analisada viveu o ressurgir do culto ao Mártir São Gens, uma devoção quase esquecida e cuja sobrevivência apenas era recordada num hagiotopónimo. Mas um artigo publicado num jornal local auxiliou a que no topo da Serra de Bougado, ressurgisse uma capela que quase meio século depois foi ampliada dada a afluência de fiéis – algumas delas de localidades distantes, que se servem deste local para festas e romarias em honra do patrocínio do Santo.

Com este estudo, verifica-se que todo o património, cuja Paróquia de Santiago de Bougado é detentora, foi intervencionado nos finais do século XX e inícios do Século XXI.

Palavras-chave: Paróquia; População; Restauro; Culto; Património.

Abstract

The purpose of this study is to examine the increase in worship centers of the parish of Santiago de Bougado in the 20th century. These increases took place in the chapels of Our Lady of Desterro (1986), Our Lady of Livração (1990) and Saint Genesius (1996). It also studies the campaigns for the preservation and completion of the work on the Parish Church (1984), as well as the restoration of the Chapel of Nossa Senhora da Graça (2011). These changes were the result of a unique demographic growth of the parish from the second half of the 20th century.

In the same century, Bougado experienced a resurrection of the devotion to the martyr Saint Genesius, a religiousness that had almost been forgotten and whose survival was only remembered in a hagiotoponym. But an article published in a local newspaper led to the reconstruction of a chapel at the top of Serra de Bougado, which almost half a century later was enlarged due to the influx of worshippers, some of them from distant cities, who use the place for celebrations and pilgrimages in honor of the saint's patronage.

This study shows that the entire heritage of the Parish of Santiago de Bougado was renovated at the end of the 20th century and the beginning of the 21st century.

Key-words: Parish; Population; Restoration; Worship; Heritage.

Índice de Figuras

FIGURA 1 - MAPA DO CONCELHO DA TROFA, COM OS LIMITES DAS RESPETIVAS FREGUESIAS.....	21
FIGURA 2 - ZONA TERRITORIAL ONDE NÃO HÁ LICENCIAMENTOS PARA CONSTRUÇÕES	22
FIGURA 3 - DISPOSIÇÃO DOS CENTROS DE CULTO E DOS LUGARES NO TERRITÓRIO DE SANTIAGO DE BOUGADO	24
FIGURA 4 - ALTARES RETABULARES COLATERAIS QUE FORAM INSERIDOS NA IGREJA PAROQUIAL EM 1884.....	41
FIGURA 5 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA	55
FIGURA 6 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO ANTES DA INTERVENÇÃO DE AMPLIAÇÃO	61
FIGURA 7 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO – NAVE / PISO TÉRREO .	61
FIGURA 8 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO - GALERIA	62
FIGURA 9 - CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO ANTES DA INTERVENÇÃO DE AMPLIAÇÃO	67
FIGURA 10 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO – NAVE / PISO TÉRREO	67
FIGURA 11 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO - GALERIA	68
FIGURA 12 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO – CAVE / CRIPTA	68
FIGURA 13 - CAPELA DE SÃO GENS DE CIDAI	76
FIGURA 14 - PROJETO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE SÃO GENS DE CIDAI, APRESENTADO À DIOCESE DO PORTO E À CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO.....	77
FIGURA 15 - PROJETO CONCRETIZADO DE AMPLIAÇÃO DA CAPELA DE SÃO GENS DE CIDAI	77

Índice de Tabelas

TABELA 1 - LISTA DE PÁROCOS DE SANTIAGO DE BOUGADO NO SÉCULO XX E INÍCIOS DO SÉCULO XXI	27
TABELA 2 - FOGOS DE 1911 A 1960 E POPULAÇÃO DE 1911 A 1911 POR LUGAR	33
TABELA 3 - DESCRIÇÃO DA IGREJA EM 1758	37
TABELA 4 - DESCRIÇÃO DA IGREJA EM 1917	41
TABELA 5 - DESCRIÇÃO DA IGREJA ATUALMENTE.....	47
TABELA 6 - OS VITRAIS DA IGREJA.....	50

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - REGISTOS PAROQUIAIS DE 1900 A 2020	31
GRÁFICO 2 - POPULAÇÃO RESIDENTE NA FREGUESIA DE SANTIAGO DE BOUGADO DE 1864 A 1960	34

Introdução

A Paróquia de Santiago de Bougado regista, ao longo do século XX, alterações no edificado religioso, ligado à comunidade católica. Algumas das intervenções sobretudo nas capelas pretenderam ajustar o espaço ao número de pessoas e foram, por essa razão, de carácter estrutural. Existem em Santiago de Bougado cinco espaços de culto, a Igreja Paroquial, em Lagoa, a Capela de Nossa Senhora das Graças, na Trofa-Velha, a Capela de Nossa Senhora do Desterro, em Bairros, a Capela de Nossa Senhora da Livração, em Lantemil, e a Capela de São Gens no alto do monte, em Cidai.

Estes centros de culto sofreram intervenções de restauro e em três deles, a Capela de Nossa Senhora do Desterro, em 1984, a Capela de Nossa Senhora da Livração, em 1990 e a Capela de São Gens, em 1996 foram alvo de aumentos estruturais substanciais.

A campanha de obras na Igreja Paroquial, em 1984, permitiu o remate da construção iniciada no século XVIII, pretendendo ser fiel aos apontamentos do arquiteto de então, Nicolau Nasoni.

Estas alterações estruturais foram estudadas e observadas através dos processos de pedidos e projetos de obras existentes no Arquivo Diocesano do Porto e no Arquivo Municipal da Trofa – hoje transferidos do arquivo da Câmara Municipal da Santo Tirso para o arquivo da Câmara Municipal da Trofa. A observação direta dos diferentes núcleos permitiu descrever o espaço litúrgico e devocional, registar as funções várias que têm sido atribuídas a criptas, sacristias, etc.

De modo a perceber as razões que levaram a todo este processo de ampliações das capelas, é feita uma análise aos registos paroquiais de Santiago de Bougado e aos recenseamentos gerais da população, do Instituto Nacional de Estatística, de modo a verificar se a dinâmica da população e os comportamentos religiosos da população são os fatores explicativos de toda a dinâmica construtiva que a paróquia sofre no século XX.

A compreensão das transformações ocorridas implicava conhecer a freguesia e os seus espaços culturais nos períodos anteriores.

Para a presente investigação teve-se como ponto de partida algumas fontes de informação primárias, como é o caso da Memória Paroquial de 1758 de Santiago de

Bougado, ou o *Inventário de Peças e Ornamentos Pertencente à Junta da Parochia da Freguezia de Bougado* de 1917.

A consulta de obras como o “Catecismo da Igreja Católica”, o “Martirólogo Romano” foi crucial para verificar as razões de ser não só do calendário, quanto dos elementos identificadores dos processos de santidade.

Refira-se ainda que as obras de Alcino Rodrigues (1981 e 1984), que publicou memórias dos bougadenses, formam hoje uma importante fonte do conhecimento dos anos 80 do século XX, dada a recolha exaustiva de depoimentos locais que perfazem a transmissibilidade das histórias das comunidades paroquiais de Bougado (São Martinho e São Tiago), no período por ele analisado. Este autor, em união com Carlos Camposa, Padre Sebastião Cruz e o Jornalista Costa Ferreira formam a listagem dos autores que aludiram às obras paroquiais que os centros de culto bougadenses sofreram no século XX.

A leitura e análise de monografias de cunho científico, quer sobre Santiago de Bougado e a sua história foram essenciais. É o caso das obras de António Cruz, historiador de formação. Dada a época em que foi construída quer a matriz, quer algumas das outras capelas, que se inserem, do ponto de vista construtivo, arquitetónico, iconográfico no Barroco importou sobremaneira consultar Robert C. Smith, autor que numa das suas estadias de trabalho em Portugal, discutiu dúvidas surgidas nos trabalhos de António Cruz, tendo este chamado a atenção do historiador americano para a igreja matriz de Santiago de Bougado.

De outro teor, são as obras que o jornalista Costa Ferreira que analisa a história do município da Trofa e suas freguesias. Relativamente às remodelações dos espaços sacros, foram consultadas fontes primárias de 1917, que permitiram, no caso da igreja, a comparação entre o antes e pós intervenção. No caso das obras de cariz mais generalista como a “História da Igreja”, monografias sobre a História da Arte e Iconografia Cristã. Refira-se ainda que as obras de Alcino Rodrigues (1981 e 1984), que publicou memórias dos bougadenses, formam hoje uma importante fonte do conhecimento dos anos 80 do século XX, dada a recolha exaustiva de depoimentos locais que perfazem a transmissibilidade das histórias das comunidades paroquiais de

Bougado (São Martinho e São Tiago), no período por ele analisado. Este autor, em união com Carlos Campos, Padre Sebastião Cruz e o Jornalista Costa Ferreira formam a listagem dos autores que aludiram às obras paroquiais que os centros de culto bougadenses sofreram no século XX.

O presente texto é dividido em cinco capítulos, cada um dos quatro primeiros é uma tentativa de preparar o reconhecimento de vários aspetos considerados como essenciais e condicionantes da realidade patrimonial religiosa desta freguesia e necessário para o entendimento do será evidenciado no quinto capítulo. O capítulo primeiro pretende sublinhar a continuidade milenar deste lugar de povoamento e da sua organização do ponto de vista religioso. Assim como focar os traços fundamentais da história recente de Santiago de Bougado, bem como aquilo que esteve diretamente ligado com os seus limites territoriais. Neste capítulo são também analisadas algumas cartas militares de Portugal que permitem fazer o balanço da evolução do espaço estudado.

O capítulo segundo, dedicado aos párocos, investiga a forma como estes possuem uma determinada influência sob os investimentos arquitetónicos e devocionais, nos espaços de culto que lhes tiveram confiados desde a sua tomada de posse como administrador paroquial. O capítulo terceiro, baseado no levantamento dos registos paroquiais de Santiago de Bougado de 1900 a 2020, ou seja, do número de batizados, casamentos e óbitos pretende avaliar a afluência de fiéis ao culto, em torno destes momentos, de modo a constatar a vitalidade da comunidade e os problemas que a construção e manutenção dos espaços de culto podem significar na paróquia. O capítulo quarto, apresenta uma compilação de dados do Instituto Nacional de Estatística sobre o aumento da população nesta freguesia e que influência teve esse mesmo aumento no território desta. O confronto entre a demografia de Santiago de Bougado e as práticas religiosas aferidas no capítulo anterior são a chave de algumas das questões que a comunidade tem que enfrentar.

O capítulo quinto e último, é dedicado aos cinco centros de culto e às suas transformações ao longo do século XX, seguindo um percurso que se inicia na sede da paróquia, a Igreja Paroquial e continua numa ordem que segue a linha cronológica da

sua fundação: Capela de Nossa Senhora do Desterro, Capela de Nossa Senhora da Livração e Santuário de São Gens – por esta ordem.

É de grande importância referir que, enquanto paroquiano e que frequenta a vida paroquial de Santiago de Bougado, muito do que é a descrição dos espaços de culto é fruto da observação direta quase, diária. A minha ligação aos espaços e à vida da Paróquia de Santiago de Bougado obrigou-me a interrogar-me, em muitos momentos, se enquanto observador das realidades na sua aceção de objeto que pretendia investigar, estava a ser capaz de ganhar a distância necessária para garantir a objetividade científica que se impõe. Uma grande parte dos escritos disponíveis sobre aspetos da vida deste território paroquial estão marcados por discursos com outros objetivos, muitos deles advogando ideias de natureza apologética e outros selecionando factos e eventos, sem qualquer avaliação crítica e num sentido “teleguiado”. Atitude que é certamente perfeitamente legítima desde que se lhe não queira chamar de escrita da história da paróquia de Santiago de Bougado.

Por outro lado, o património religioso só ganha a sua verdadeira dimensão se for colocado na perspectiva que é, em última análise, a pedra de toque que define qualquer património, a perspectiva da sua valorização. Só é bem patrimonial aquele a quem as comunidades, sejam elas quais forem, consideram entender como tal e atribuir um valor. Neste campo das comunidades paroquiais cruzam-se, nem sempre de modo harmonioso, as valorizações que uma parte da comunidade pode atribuir a um bem e que decorrem dos seus sentimentos, muitos deles atávicos, e desconhecedores das funções, das atribuições que esse bem possa ter num rito, ou numa liturgia, e as noções de valor ou desvalorização que outros na mesma comunidade lhe atribuem, em função de conhecimentos, de educação estética, entre outros. Um paramento antigo, que se pretende resguardar dos riscos climáticos, da poeira, da luz solar ou outra, num armário-montra na sacristia da igreja, no intuito de o conservar, depois de restaurado, enquanto testemunho de um saber fazer, da qualidade da tecelagem, do modo como se obtinham cores, e outros pormenores, é um testemunho de uma classificação de um património. Mas será que tal não o está a mutilar do sentido completo que alguém, sem pretensões desta natureza, lhe é capaz de atribuir: aquela indumentária que só podia ser usada por

alguns poucos, em certos rituais e que representava uma memória que povoava um imaginário sagrado.

Nas comunidades religiosas com vidas tão longas quanto a de Santiago de Bougado pode haver a tentação de dar especial relevo ou até de entender exclusivamente o património num sentido muito redutor, fixando a atenção no património material e no que mais sobressai. Por razões óbvias, os lugares de culto, espaços centrais às assembleias dos fiéis, refletem inúmeras facetas das comunidades e do seu pulsar. Uma comunidade composta por pessoas idosas não pode tratar da manutenção da sua igreja com a energia e cuidados necessários. Pode até nem sequer ser capaz de ir à igreja com frequência. Uma comunidade empobrecida ou pobre não tem recursos suficientes para dar continuidade a projetos construtivos que alguns podem ter achado essenciais noutra época e em circunstâncias distintas. A situação em Santiago de Bougado, na atualidade, e no último século de vida define-se como? Que organização é possível detetar no que respeita à vida religiosa desta comunidade que se insere em realidades políticas, industriais, agrícolas específicas?

Para o observador comprometido com uma prática pastoral ativa dentro da comunidade, como é o caso, implicou um exercício redobrado de atenção e de uso de outras formas de ver e fazer as leituras das realidades.

1. A Paróquia de Santiago de Bougado

A Paróquia de Santiago de Bougado, localizada no espaço da extinta freguesia homónima, atualmente integrada na União de Freguesias de Bougado (São Martinho e Santiago), uma das cinco freguesias do concelho da Trofa. O espaço que hoje compõe o esse município, em meados do século XIII, era integrante da Terra da Maia como descrevem as Inquirições de D. Afonso III¹ (1210 – 1279). Em 1384 passa a pertencer ao termo do Porto, sem jurisdição especial, até 1527, ano em que D. Manuel I (1469 – 1521) atribui um foral à Terra da Maia, fazendo-o assim participar dos privilégios e obrigações da Maia e, em 1835, com a reforma de D. Maria II (1819 – 1853), passa a integrar o concelho de Santo Tirso.

A 16 de maio de 1984, “A povoação de Trofa, no concelho de Santo Tirso é elevada à categoria de vila” (Lei n.º 19/84, de 28 de junho²), composta pelas freguesias de Santiago de Bougado e de São Martinho de Bougado. Em 1993, a 27 de maio, “A vila da Trofa, do concelho de Santo Tirso, é elevada à categoria de cidade” (Lei n.º 29/93, de 2 de julho³). A 19 novembro de 1998, juntamente com as duas freguesias que compõe a Cidade da Trofa, seis outras freguesias: Muro, Alvarelhos, São Mamede do Coronado, São Romão do Coronado, Covelas e Guidões, deixam de fazer parte do concelho de Santo Tirso para integrarem o novo Concelho da Trofa (Lei n.º 83/98, de 14 de dezembro⁴).

Com a reforma administrativa de 2013, algumas freguesias do concelho da Trofa são unidas, ficando este concelho composto por cinco freguesias: União de Freguesias de Bougado (São Martinho e Santiago); União de Freguesias do Coronado (São Mamede e São Romão); União de Freguesias de Alvarelhos e Guidões; Muro e Covelas (Lei n.º 11-A/2013, de 8 de janeiro⁵).

O quadro da divisão eclesiástica no espaço em estudo é em parte distinto desta complexa evolução da divisão administrativa. A Paróquia de Santiago de Bougado já é

¹ Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4182584>

² Consultado a partir de: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/19-1984-387339>

³ Consultado a partir de: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/29-1993-373868>

⁴ Consultado a partir de: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/83-1998-220948>

⁵ Consultado a partir de: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2114&tabela=lei_s&so_miolo=

referida no rol das paróquias suevas, quando se denominava *Andemiri* (Fernandes, 1997, p.160). É de ressaltar também a referência feita ao lugar de Cedões (*Zadones*) no século X, que aparece mencionada numa escritura do Mosteiro de Moreira da Maia, no ano de 979⁶.

No século XVIII, Antonio Marin, descreve Santiago de Bougado como sendo abadia, com 827 pessoas e 246 vizinhos e que rendia 800 mil reis; esta tinha a Ermida de Nossa Senhora da Graça a quatro léguas⁷ (Marin, 1766, p. 280).

O espaço atualmente administrado pela Paróquia de Santiago de Bougado é coincidente da antiga freguesia de Santiago de Bougado, com cerca de 14,5 km² e inclui sete lugares, nomeadamente: Lagoa, Cedões, Trofa-Velha, Lantemil, Cidai, Maganha e Bairros. Os mesmos sete que são descritos na Memória Paroquial de 1758: “tem sette lugares, que são = Cedoes, Trofa, Lantemil, Ciday, Maganha, Bayrros, e Lagoa”⁸. O lugar da Trofa, com a chegada do comboio em 1875, muda a sua denominação para Trofa-Velha. O nome Trofa é então atribuído à estação ferroviária e seu entorno, situada em São Martinho de Bougado.

Atualmente, a Paróquia de Santiago de Bougado tem o seu centro no lugar de Lagoa, tal como já acontecia no século XVIII – “A parochia desta freguesia está dentro de um dos lugares della, (...) Lagoa, e dentro desta e que está”⁹.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 são descritos dois centros de culto, propriedade da Igreja, na Lagoa, e a capela de Nossa Senhora da Graça, na Trofa – hoje Trofa-Velha. Sabe-se que o documento se refere à “vélha igreja” (Cruz, 1940, p. 4) que viria a ser demolida anos mais tarde. A estes dois espaços sacros juntaram-se, posteriormente, a capela de Nossa Senhora do Desterro, em Bairros; a capela de Nossa Senhora da

⁶ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Mosteiro do Salvador de Moreira 0907/1789, Documentos relativos ao exercício da jurisdição, às igrejas e às propriedades do Mosteiro 0907/1693, Maço 1, 0907/1002. PT/TT/MSM/A/M01. Consultado a parti de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=1458717>

⁷ “Santiago de Bougado. Abadia. 246. Vecinos:827. Personas. Renta 800. Mil reis, Ermita N. Sra. Gracia. Dista quatro léguas.” (Marin, 1766, p. 280)

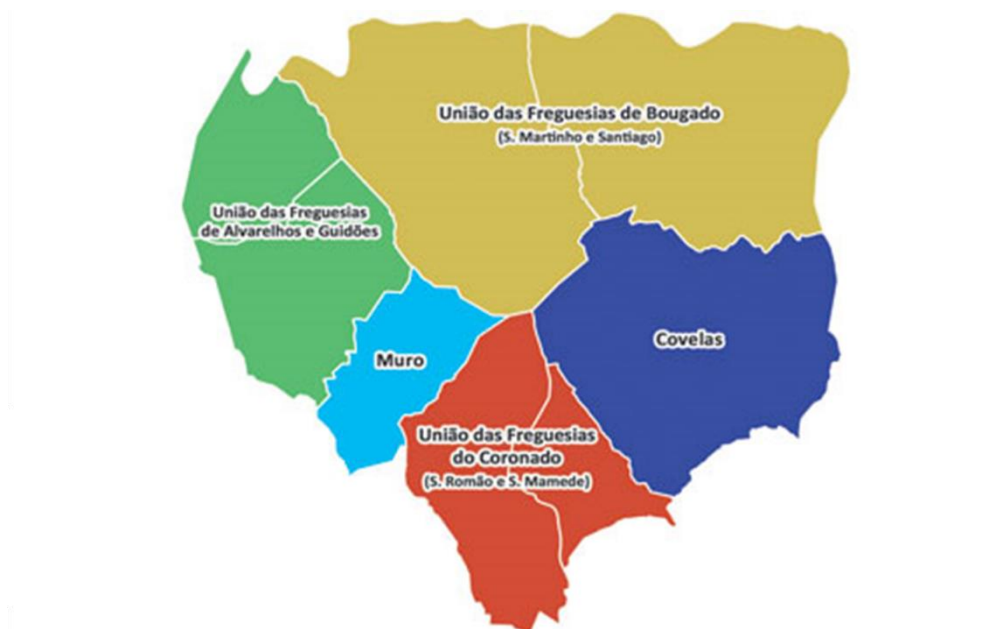
⁸ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

⁹ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

Livração, em Lantemil e a capela de São Gens, em Cidai. Nos dias de hoje, a paróquia e os seus paroquianos utilizam os cinco espaços de culto que ao longo do tempo foram sofrendo algumas alterações. Essas intervenções corresponderam quer a atualizações que fatores como as tendências artísticas de uma época implicam, quer à necessidade de renovação a que o desgaste dos materiais obriga. Outras ainda devido ao aumento do número dos paroquianos.

A nível territorial, Santiago de Bougado encontra-se na margem esquerda do Rio Ave, curso de água que define a fronteira com Santa Leocádia de Fradelos e São Mamede de Ribeirão, a Norte – também através deste rio se delimita a fronteira religiosa (Diocese do Porto na margem esquerda e Arquidiocese de Braga na margem direita) e a civil (Distrito do Porto na margem esquerda e Distrito de Braga na margem direita). Situa-se também, a ocidente de São Martinho de Bougado e de São Martinho de Covelas, a norte de São Cristóvão do Muro e a oriente de Santa Maria de Alvarelhos e de São João de Guidões (atente-se na Figura 1).

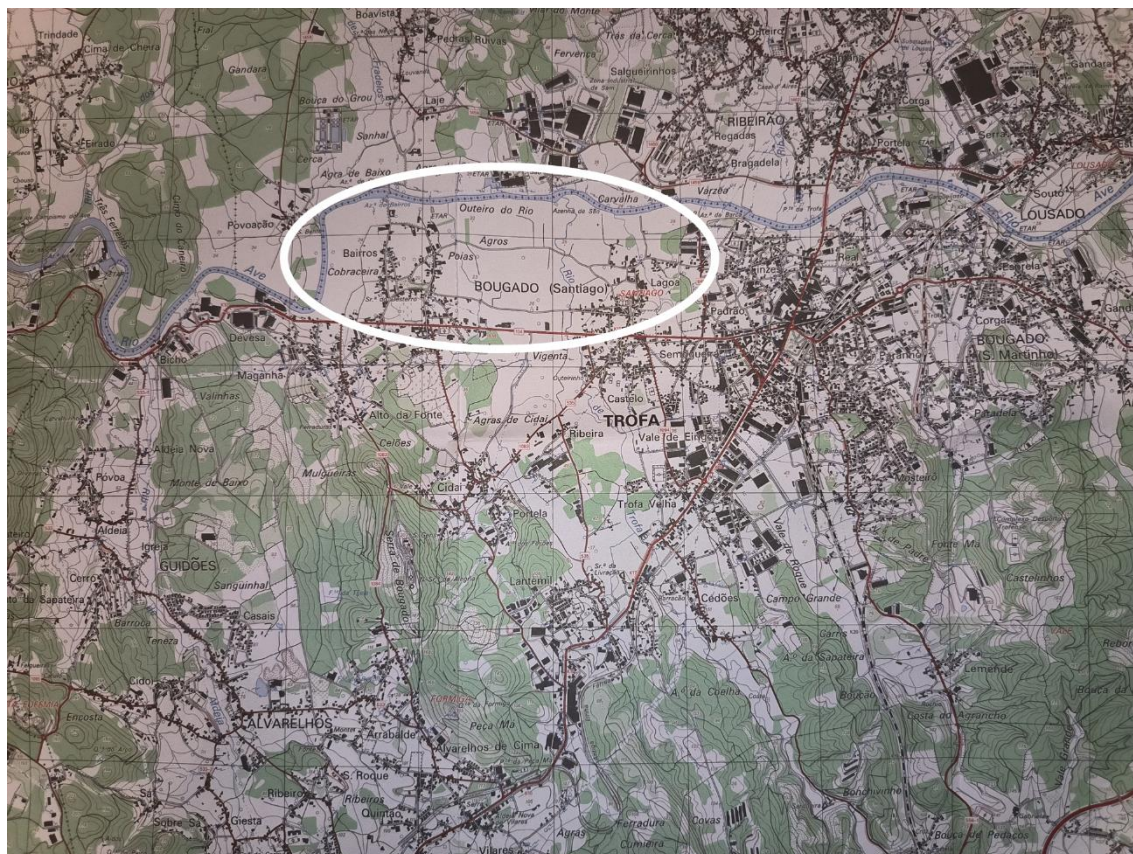
Figura 1 - Mapa do Concelho da Trofa, com os Limites das Respetivas Freguesias



Fonte: <https://www.onoticiasdatrofa.pt/presidente-da-republica-promulga-novo-mapa-de-freguesias/>

Na parte norte desta freguesia encontramos os lugares de Lagoa e de Bairros, zona plana, fértil e verdejante, próximos das margens do rio, ambos banhados pelo Rio Ave a norte. É terra que frequentemente sofre inundações no inverno e onde, em parte, não há licenciamentos para construções (Trofa, 2023). Veja-se a quadrícula 97 da carta militar 1:25.000 (Figura 2).

Figura 2 - Zona Territorial onde não há Licenciamentos para Construções



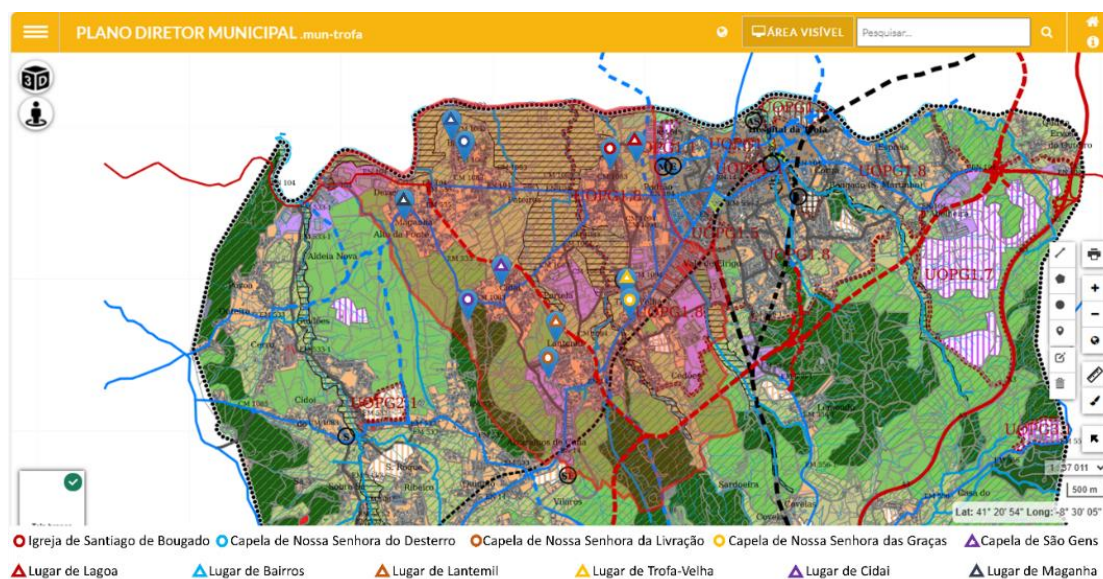
Fonte: Carta Militar de Portugal de 2011, Folha 97, Série M888, Escala 1:25 000

Os lugares de Cedões e Lantemil encontram-se à mesma cota que os lugares anteriores, fazendo fronteira, o primeiro, com São Martinho de Covelas e, o segundo e o terceiro, com São Cristóvão do Muro, respetivamente. Os lugares de Cidai e da Maganha encontram-se na encosta da Serra de Bougado, na zona mais rochosa e ingreme da freguesia. O topónimo Serra de Bougado merecerá mais adiante alguma atenção. A partir dos anos 80 do século XX, e comparando a imagem da representação do povoamento de uma carta militar anterior (Carta Militar de Portugal de 1996), denota-

se que, nos lugares de Bairros, Cedões, Cidai, Lantemil, Lagoa e Trofa-Velha, a malha de ocupação se torna cada vez mais densa, ficando o terreno cada vez mais coberto por residências e pavilhões industriais. Repare que, são os mesmo cinco lugares onde estão presentes a igreja e as capelas, de facto, as construções formam o espaço como se fossem ilhas, tendo sempre a capela ou a igreja no seu centro. Exceção é o lugar de Cidai que tem a sua capela no cimo da Serra de Bougado e as construções habitacionais pela encosta abaixo, apenas na vertente virada para o vale, para Lagoa. Este aumento substancial deve-se, em muito, ao regresso de pessoas que tinham feito um percurso de emigração e que no pós 25 de abril de 1974, parecem ter condições para voltarem. O desenvolvimento da Trofa ao longo da década de 80 e 90, com inclusão de indústrias têxteis e metalúrgicas e de serviços como posto de correios e socorro de saúde.

Na rede viária estão desde logo presentes as Estradas Nacionais 14 (Braga – Porto) e 104 (Santo Tirso – Vila do Conde). Santiago, no conjunto da Trofa, é espaço de cruzamento rodoviário. O rio e o caminho de ferro formaram, no passado, eixos vitais para esta freguesia, resultando, por isso, na sua modernização e desenvolvimento urbanístico e industrial. A organização das acessibilidades dentro da freguesia e a possibilidade de circulação entre diferentes pontos deste espaço ligam-se, quer à construção do Santuário de S. Gens de Cidai em 1951, que trouxe consigo a abertura de ruas que ligavam o lugar de Cidai até ao cimo da Serra de Bougado, quer à criação de novos bairros habitacionais, fruto do desenvolvimento demográfico apresentado acima e que foi, certamente, consequência do desenvolvimento industrial local, que muito auxiliou a que. Também novos arruamentos foram surgindo com o desenvolvimento das zonas industriais. Santiago de Bougado, adensa a sua malha, aproximando-se de uma malha cada vez mais urbana, o que se traduz como referido anteriormente, no modo como se torna parte integrante da Vila da Trofa, em 1984 e da Cidade da Trofa, em 1993. Veja-se o Plano Diretor Municipal da Câmara Municipal da Trofa (veja-se a Figura 3).

Figura 3 - Disposição dos Centros de Culto e dos Lugares no Território de Santiago de Bougado



Fonte: <https://sig.mun-trofa.pt/PDM#13.544429095916604/41.3253/-8.5811>

Esta freguesia, estando presente na Província de Entre-Douro-E-Minho, apresenta características mais rurais que sempre estiveram na sua génese. Facilmente se percebe que as partes mais povoadas, de cada lugar, se concentram, como referido, ao redor da igreja e das capelas, ao passo que as mais despovoadas se desenvolvem em áreas mais afastadas dos grandes eixos de ligação rodoviária que atravessam a localidade, deixando como pano de fundo os campos, onde é exercida uma atividade agrícola bastante tradicional bem como a densa vegetação.

Relativamente à toponímia, dos lugares da freguesia de Santiago de Bougado, e “no maior número de casos, apresenta-se radicada no domínio germânico, a lembrar aos tempos dos reinos dos suevos e dos visigodos” (Cruz, 1982, p. 19). Os nomes dos lugares, surgem, maior parte das vezes, de uma evolução fonética, palavras que seriam usadas num determinado tempo, vão se alterando, por via da comunicação entre agentes, dando origem a palavras Hoje conhecidas e utilizadas diariamente. E a origem germânica pode-se encontrar os termos: *Lantemil*, derivada da palavra *Nantimir*, cuja sua propagação oral se converteu no termo *Antemil*, foneticamente mais parecido com o termo hoje utilizado; *Cidai*, Originário de *Cid* ou de *Ced* – na Medieval é documentado *Cidi*; e *Zadones* (este último, referido anteriormente) que hoje se denomina Cedões. Dos

de origem castreja, destaca-se Maganha, com origem nos termos *Mac* ou *Mag* (Cruz, 1982, pp. 19-21).

Do período Romano, nos dias de hoje são utilizados os topónimos como: Agra – como é o caso das Agradas de Cidai, zona de cota mais baixa se localiza no fundo do vale, no termino da colina; Leiras – termo utilizado para a referência de terrenos de pequenas dimensões; e Serra – utilizado para a denominação de zonas mais elevadas, geralmente montanhosas. Do topónimo *Serra de Bougado*, cuja sua origem não é conhecida, desde logo a primeira parte do termo refere uma zona de cota alta e montanhosa, quanto à junção desta palavra com o nome da freguesia, provavelmente surge da referência oral, tornando-se proveniente dos que habitavam no fundo do vale. Este topónimo alude também a uma pertença, como se os habitantes dos lugares de cota plana tomassem desde logo aquela elevação como pertencente Bougado – Santiago.

2. Os Párocos de Santiago de Bougado

As paróquias, assembleias de fiéis, igrejas locais, têm ao seu serviço um sacerdote e organizam-se numa relação com o bispo da diocese em que estão integradas, através do pároco. Como indicava o cânone 57 do Concílio de Laodiceia na segunda metade do século IV, o pároco era um visitador em nome do bispo e vivia junto dele e não do povo (Moreira, 1971, p.). Ao longo dos séculos o pároco vai-se aproximando cada vez mais dos seus paroquianos, passando a residir nas denominadas Casa Paroquiais – residências cuja propriedade é da paróquia. Sendo a Paróquia de Santiago de Bougado da apresentação do Cabido da Sé do Porto – “O Parocho desta Parochia he Abbade e a apresentação della he do cabido da Sé do Porto com reserva”¹⁰ - este órgão tem o poder de decisão sobre a escolha dos párocos que irão paroquiar Santiago de Bougado, bem como o benefício está estipulado em função desta realidade.

Ou seja, a qualidade de vida do clérigo que curava as almas, sendo o benefício paroquial correspondente a abade significa que nesta igreja o pároco tinha o direito de receber totalidade, das rendas, inclusive o dízimo (Moreira, D, 1973). Este estatuto explica por si que alguns presbíteros, com títulos próprios, como cónegos e doutores, tenham ocupado este lugar. O caso do mecenas do século XVIII, Diogo Marques Mourato, é paradigmático. O facto de o direito de apresentação caber ao cabido permite colocar a hipótese fundada que podem ter existido canais de comunicação especiais entre o corpo de clérigos que rezava a liturgia na Sé e esta comunidade. Repare-se que estes canais podiam ser de natureza económica no que respeita às rendas e a confirmar esta realidade note-se que “junto à igreja existia a Casa da Tulha, onde o Cabido recebia e recolhia a censoria em cereal, que lhe era paga pela freguesia.” (Cruz, 1985, p. 113). Podiam ser ainda de natureza cultural e litúrgica considerando que as devoções que se traduzem nos altares e imagens testemunham tendências presentes no centro da diocese (mais adiante se voltará a isto) e no facto de tanto a nova igreja do século XVIII,

¹⁰ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

como a introdução de um órgão nos inícios do século XIX, estarem ligados a artistas que trabalharam no meio onde se moviam os membros do cabido.

Ao longo do século XX Santiago de Bougado parece ter conhecido uma grande estabilidade. Se olharmos para a lista de clérigos que parouquiaram Bougado (Tabela 1), com a exceção do ano de 1961, trata-se sempre de clérigos com o título de párocos. Não houve problemas nas nomeações. A Paróquia não ficou “vacante” ou entregue a “clérigos-funcionários” na vez do pároco. Claro que o título de abade desaparece. Após o Concílio Vaticano II poder-se-ia ter esperado uma maior rotatividade, mas tal não aconteceu. O Padre Armindo da Silva Gomes ficou mais de 50 anos no serviço à comunidade enquanto pároco. As implicações de tal longevidade estão longe de poderem ser avaliadas na totalidade, mas certo é que muita gente e muitas atitudes se devem ter acomodado na comunidade e deve ter sido muitas vezes usado o argumento da tradição. É durante este período que se multiplicam obras de ampliação de centros de culto neste espaço.

Tabela 1 - Lista de Párocos de Santiago de Bougado no Século XX e inícios do Século XXI

Ano de Entrada	Nome	Nomeação
1887	António Joaquim da Costa Cruz	Abade
1910	Adélio Moreira de Araújo	Abade
1949	Alberto Monteiro Machado	Pároco
1949	Ângelo da Costa Carneiro	Pároco
1953	Mário Ferreira	Pároco
1953	António Soares Monteiro	Pároco
1953	António Ferreira Vaz	Pároco
1961	Joaquim Ferreira Meireles	Vigário Cooperador
1962	Armindo da Silva Gomes	Pároco - Abade
2013	Bruno Marcelo Barbosa Ferreira	Pároco

Fonte: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/o-paroco/os-p%C3%A1rocos-anterior-es.html>

3. Os Registos Paroquiais de Santiago de Bougado

Na tentativa de avaliar alguns indicadores das práticas religiosas desta comunidade de Santiago de Bougado, ao longo do período em observação, para poder aferir dos impulsos e razões que orientaram as transformações nos espaços cultuais, procedeu-se à consulta e tratamento dos dados constantes do registo paroquial. Estes mesmos dados devem ser contrapostos a outros indicadores, como os demográficos relativos a esta comunidade.

Os registos paroquiais de Santiago de Bougado são conhecidos desde o século XVI. Em virtude das leis que instituíram o registo civil obrigatório em 1911, estes registos deixam de ser os únicos registos sistemáticos alusivos a eventos vitais de cada pessoa. O Estado assumiu essa tarefa e foi mais longe, ao estabelecer a necessidade de controlar os registos anteriores. Assim o decreto publicado no Diário do Governo n.º 41 de 20 de fevereiro de 1911, que tornava obrigatória a entrega dos livros paroquiais às conservatórias do registo civil. De acordo com o artigo 7¹¹, todos os livros de registos paroquiais (nascimentos, casamentos e óbitos) existentes até à data da publicação do decreto, tornam-se, a partir daquele momento, propriedade estatal. O artigo 8¹², obriga a que os livros sejam cerrados, isto é, não poderá haver mais escritos, a partir da data de publicação do decreto, no caso de existir alguma irregularidade, de acordo com o

¹¹ “Art. 7. Os nascimentos, casamentos e obitos, occorridos anteriormente & promulgação d'este codigo, poderão provar-se, salvas as disposições dos artigos 857. 358.”, pelos mesmos documentos que até então eram admitidos para prova de taes factos, considerando-se os livros do registo parochial, escriturados até essa data, como propriedade do Estado e os seus detentores como fieis depositarios d'elles para todos os effeitos legais.” Diário do Governo nº 41 de 20 de fevereiro de 1911. Consultado a partir de: <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1911/02/04100.pdf>

¹² “Art. 8. No dia em que entrar em vigor o presente codigo os livros do registo parochial existentes em poder dos parochos serão por estes encerrados no estado em que se encontrarem e nelles não poderá escrever-se mais cousa alguma, o que será averiguado nos primeiros quinze dias posteriores por qualquer autoridade judicial, administrativa, do Ministerio Publico ou do registo civil, sob pena de apprehensão immediata pela autoridade que verificar a infracção, passando os livros apprehendidos, depois de rubricados por essa autoridade, que fará no auto menção de tudo o que lhe parecer digno de nota, para o poder do conservador ou official do registo civil do respectivo concelho ou bairro, que nesse caso ficará sendo o competente para passar as certidões dos assentos constantes d'esses livros.” Diário do Governo nº 41 de 20 de fevereiro de 1911. Consultado a partir de: <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1911/02/04100.pdf>

artigo 9¹³, o Pároco perderá todas as vantagens matérias e poderá sofrer uma multa no valor de 10\$000 reis a 100\$000 reis.

Estes livros de registo integram a Conservatória do Registo Civil de Santo Tirso em 1911 e são transferidos para o Arquivo Distrital do Porto em três momentos: num primeiro momento a 23 de outubro de 1953, num segundo momento a 19 de fevereiro de 1999 e num terceiro momento a 15 de fevereiro de 2013¹⁴. Assim sendo, no Arquivo Distrital do Porto podemos encontrar os registos de batismos desde o dia 25 de outubro de 1587 a 25 de março de 1911, os registos de casamentos de 5 de setembro de 1588 a 28 de março de 1911, os registos de óbitos de 3 de janeiro de 1590 a 29 de março de 1911 e os registos dos crismados de 14 de maio de 1603 a 7 de julho de 1681. Os registos a partir de 1911 até à atualidade, podem ser encontrados no Arquivo Paroquial de Santiago de Bougado.

Segundo o Cânone 535¹⁵ do atual Codex Iuris Canonici, as paróquias devem possuir “liber [...] baptizatorum, matrimoniorum, defunctorum, aliique secundum Episcoporum

13 “Art. 9. Além da apreensão dos livros o parócho que infringir o disposto no artigo antecedente incorrerá na perda de todas as vantagens materiaes que estiver recebendo ou puder vir a receber do Estado e, além d'isso, na multa de 10\$000 réis a 100\$000 réis, que será applicada em processo criminal e revertera para a obra de assistencia publica designada no artigo 350.º.” Diário do Governo nº 41 de 20 de fevereiro de 1911. Consultado a partir de: <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1911/02/04100.pdf>

14 Consultado a partir de: <https://pesquisa.adporto.arquivos.pt/details?id=493542>

15 “Can. 535 — § 1. In unaquaque paroecia habeantur libri paroeciales, liber scilicet baptizatorum, matrimoniorum, defunctorum, aliique secundum Episcoporum conferentiae aut Episcopi dioecisani praescripta; prospiciat parochus ut iidem libri accurate conscribantur atque diligenter asserventur.” CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

§2. “In libro baptizatorum adnotentur quoque adscriptio Ecclesiae sui iuris vel ad aliam transitus, necnon confirmatio, item quae pertinent ad statum canonicum christifidelium, ratione matrimonii, salvo quidem praescripto can. 1133, ratione adoptionis, ratione suscepti ordinis sacri, necnon professionis perpetuae in instituto religioso emissae; eaeque adnotationes in documento accepti baptismi semper referantur.

§ 3. Unicuique paroecia sit proprium sigillum; testimonia quae de statu canonico christifidelium dantur, sicut et acta omnia quae momentum iuridicum habere possunt, ab ipso parócho eiusve delegato subscribantur et sigillo paroeciali muniantur.

§ 4. In unaquaque paroecia habeatur tabularium seu archivum, in quo libri paroeciales custodiantur, una cum Episcoporum epistulis aliisque documentis, necessitatis utilitatisve causa servandis; quae omnia, ab Episcopo dioecisano eiusve delegato, visitationis vel alio opportuno tempore inspicienda, parochus caveat ne ad extraneorum manus perveniant. § 5. Libri paroeciales antiquiores quoque diligenter custodiantur, secundum praescripta iuris particularis.” CIC. Consultado em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

conferentiae aut Episcopi dioecesani praescripta”¹⁶, ficando à responsabilidade do Pároco “ut iidem libri accuratea conscribantur atque diligenter asserventur”¹⁷, o mesmo cânone refere ainda que cada Paróquia tenha um cartório ou arquivo “in quo libri paroeciales custodiantur, una cum Episcoporum epistulis aliisque documentis, necessitatis utilitatisve causa servandis; quae omnia”¹⁸.

Estes registos são uma importante fonte de pesquisa, na medida em que é possível saber o número exato de Paroquianos que compõem a comunidade paroquial. Deste modo, procedeu-se à recolha dos registos da Paróquia de Santiago de Bougado, nomeadamente do século XX e as duas primeiras décadas do século XXI.

No Gráfico 1 são representados os dados agrupados por décadas.

Torna-se evidente a linha ascendente desenhada pelos bastimos até à década de setenta, para se inverter este movimento na década seguinte de modo continuado até ao final do período em análise. Evidencia uma quebra mais acentuada entre 1990 e 2000, tornando-se mais suave no período posterior. Curiosamente, a curva dos óbitos – que corresponde às práticas de fazer um enterro religioso e não a um óbito propriamente dito – não acompanha este sentido e cresce, até de modo sustentado, a partir dos anos setenta. Já os casamentos evidenciam uma subida considerável a partir dos anos sessenta, atingem o máximo em 1971-1980, mantendo-se em patamar na década seguinte, para depois seguirem a curva descendente, acompanhando a dos batizados.

Parte destes fenómenos estão dependentes dos eventos vitais. Assim quando a taxa de natalidade baixa e se contrai, é evidente que o número de batismos tem que diminuir, já que a prática sacramental instituída nesta época continua a dar preferência aos batismos de crianças acabadas de nascer. Não se trata de opção individual, mas sim dos

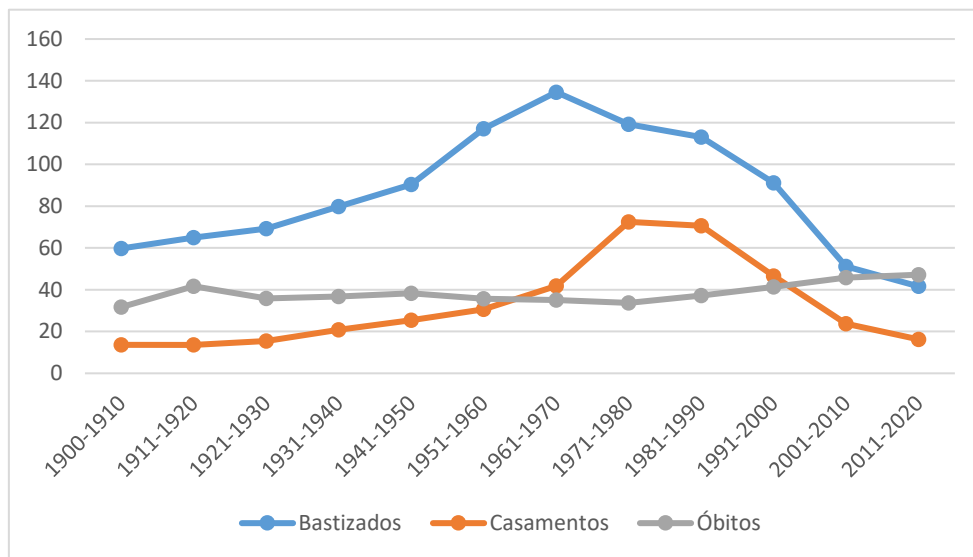
¹⁶ Tradução: o livro de batismos, casamentos, óbitos e outras disposições de acordo com a conferência Episcopal ou o Bispo diocesano. CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

¹⁷ Tradução: que os mesmos livros possam ser escritos com precisão e cuidadosamente guardados. CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

¹⁸ Tradução: em que se guardam os livros paroquiais, juntamente com as epístolas dos bispos e outros documentos, por necessidade e utilidade, conservando-os. CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

pais ou outros responsáveis pelas crianças. O confronto com os dados das estatísticas nacionais relativas a eventos vitais é a única forma de interpretar totalmente estes movimentos. De qualquer modo são indicadores da quebra nestes sacramentos. As pessoas em S. Tiago de Bougado foram diminuindo as suas promessas.

Gráfico 1 - Registos Paroquiais de 1900 a 2020



Fonte: Livros de Registo Paroquial, 1900 a 2010

4. O Aumento da População em Santiago de Bougado

Segund o Instituto Nacional de Estatísticas, a população em Santiago de Bougado denota um substancial crescimento nos finais do século XIX e ao longo de todo o século XX. Mas é a partir de 1970 que os números disparam, chegando mesmo aos quatro dígitos, verifica-se um aumento de 1002 pessoas entre 1970 e 1981 e, posteriormente, de 1147 pessoas entre 1981 e 1991. As transformações económicas e sociais a partir de 1974, permitiram um regresso de cada vez mais pessoas emigradas a Portugal. E, sobretudo, criaram-se na região focos industriais e de serviços que permitem esta fixação das populações.

Já a entrada no século XXI não foi muito favorável para a demografia de Santiago de Bougado, pois, de acordo com o recenseamento de 2011, a freguesia evidencia uma diminuição no número absoluto de residentes em relação ao ano de 2001. O aumento da população permite associar ao aumento de edifícios – industriais e comerciais e o aumento de alojamentos familiares.

Na Tabela 2 verifica-se o recenseamento de prédios, fogos e população, por lugar, nos anos de 1911, 1940 e 1960. A tabela mostra o desenvolvimento de cada lugar ao longo das décadas, havendo crescimento nos sete lugares da freguesia de Santiago de Bougado, sendo que se destaca o lugar da Lagoa, aquele, como já referido anteriormente, onde se situa o centro da paróquia, o lugar da igreja matriz. Para além do lugar da Lagoa, os lugares de Bairros e da Maganha fazem também apresentam um substancial aumento, sendo, em 1960, estes lugares os três com maior número de fogos, por esta mesma ordem que foram referidos.

Relativamente às escolas, a solicitação para a criação da primeira escola primária em Santiago de Bougado foi enviada em 1862 ao Comissário dos Estudos do Porto – Bacharel Luís António Pereira da Silva. Devido à oposição por parte do Governador Civil do Porto e da Ordem do Concelho Superior de Instrução Pública, a solicitação acabou por estar duas décadas em discussão, sendo criada a primeira escola na década de 90 do século XIX, em Bairros. Contudo, o ensino ocorria na casa dos professores em locais com poucas condições (Ferreira, 2002, p. 20).

O Jornalista Costa Ferreira (2002), indica que a escola em Bairros servia os habitantes do lugar da Lagoa e do ocidente da freguesia, juntamente com os das freguesias de Alvarelhos e Guidões, já a parte oriental da freguesia era servida pela escola em São Martinho de Bougado. No final dos anos 20 do século XX, “a escola deixaria de funcionar em Bairros, sendo transferida para um novo edifício, construído na Lagoa, com salas distintas para os dois sexos” (FERREIRA, 2002, p.42).

Com o aumento da população ao longo do século XX (veja-se Gráfico 2), é construída uma nova escola em Lagoa – nos anos 60, sendo também criadas as escolas de Bairros, Cedões e Cidai. Cada uma delas com salas apropriadas e espaço exterior devidamente vedados. Na primeira década do século XXI, as escolas de Bairros, Cedões e Lagoa sofrem aumentos estruturais, substanciais para poderem acolher um maior número de alunos. Em contrapartida, em 2011, a escola de Cidai foi encerrada, tendo os alunos daquela aldeia de se deslocar para outra escola. O encerramento da escola de Cidai acontece num momento em que a população de Santiago de Bougado diminui.

Os jovens de Santiago de Bougado do segundo e terceiro ciclo frequentam a partir de 1973 a recém-criada Escola Preparatória e Secundária em Valdeirigo – São Martinho de Bougado. Esta escola funcionou, em pavilhões pré-fabricados, até 1982, ano em que é transferida para dois edifícios distintos, a *Escola Preparatória da Trofa* – segundo ciclo e a *Escola Secundária da Trofa* – terceiro ciclo, ambas em São Martinho de Bougado. A denominada *Escola Preparatória de Trofa*, pelo Despacho n.º 26 994/2002 de 2 de dezembro, passa a denominar-se Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos Professor Napoleão Sousa Marques.

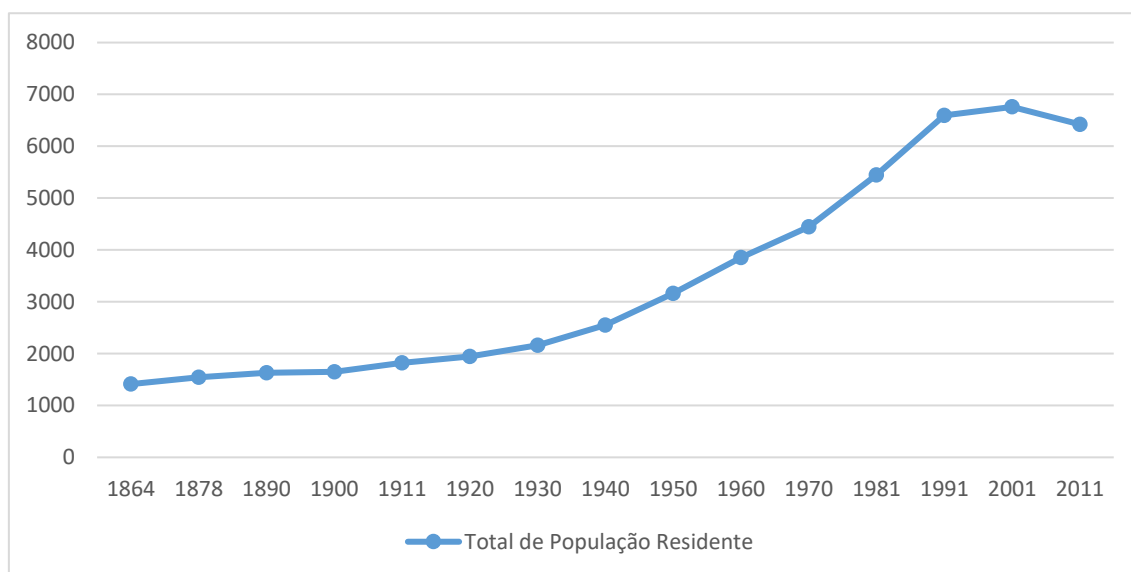
Tabela 2 - Fogos e População de 1911 a 1960 por Lugar

		Fogos			População Presente		População Residente
	Ano	1911	1940	1960	1911	1940	1960
Total	Santiago de Bougado	414	578	781	1820	2519	3855

Lugares	Bairros	59	87	125	281	428	621
	Cedões	32	33	47	130	146	269
	Cidai	66	75	89	280	297	431
	Lagoa	128	165	236	558	807	1219
	Lantemil	34	63	70	161	226	343
	Maganha	63	91	109	280	353	540
	Trofa-Velha	32	65	85	130	257	432

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatísticas - X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes.

Gráfico 2 - População Residente na Freguesia de Santiago de Bougado de 1864 a 1960



Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística – I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV Recenseamentos Gerais da População.

5. Os Centros de Culto

A construção dos centros de culto locais são a expressão arquitetónica e artística da fé comunitária. Ainda que *Deus não habita em templos construídos pela mão do homem* (Act 17,24) a comunidade cristã sentiu a necessidade de os construir para poder celebrar em comunidade a sua fé. Dois mil anos de história da criação da Igreja Católica, portanto, poderemos dizer que esta faz parte, numa perspetiva alargada, da memória coletiva da cultura ocidental (Marques, 2011, p.2).

Na Memória de 1758, de Santiago de Bougado, são descritos dois centros de culto, como sendo parte da paróquia, propriedade da Igreja: a Igreja Paroquial, na Lagoa, e a Capela de Nossa Senhora das Graças, na Trofa – hoje Trofa-Velha. Sabe-se que em documento de meados do século XVIII que a igreja paroquial já é apelidada de velha *vélha igreja* (Cruz, 1940, p. 4). Sinal que se estava a pensar em construir uma nova. E realmente a velha igreja viria a ser demolida anos mais tarde. A capela de Nossa Senhora das Graças é também referida por Marin, em 1766 (Marin, 1766, p. 280). A estes dois centros, juntam-se posteriormente, a capela de Nossa Senhora do Desterro em Bairros, a capela de Nossa Senhora da Livração em Lantemil e a capela de São Gens em Cidai. Atualmente, a Paróquia serve-se de cinco espaços de culto que, ao longo do tempo, foram sofrendo alterações, umas próprias da época, outras devido ao aumento de paroquianos.

São entendidos por Lugares Sagrados / Centros de Culto, todos aqueles que se destinam ao culto divino, por meio da bênção ou dedicação estabelecida pelos livros litúrgicos (Cân. 1205)¹⁹. Estes espaços, são benzidos pelo ministro, contudo, somente o Bispo diocesano pode dar a bênção a uma igreja (Cân. 1207)²⁰.

À igreja associa-se o desenvolvimento de um determinado espaço, fazendo com que o centro de um lugar ou de uma cidade seja definido pelo seu centro de culto. Desde há séculos que as cidades, nomeadamente as medievais, se desenvolvem em torno das

¹⁹ “Can. 1205 – Loca sacra ea sunt quae divino cultui fideliumve sepulturae deputantur dedicatione vel benedictione, quam liturgici libri ad hoc praescribunt.” CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

²⁰ “Can. 1207 — Loca sacra benedicuntur ab Ordinario; benedictio tamen ecclesiarum reservatur Episcopo dioecesano; uterque vero potest alium sacerdotem ad hoc delegare.” CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

suas catedrais. Nos meios mais rurais, o desenvolvimento habitacional e social tende, de igual forma, a ter a igreja como ponto central da região.

“A ela [á igreja] está associado um lugar de destaque na malha urbana, o lugar de acessão da arquitetura singular. Muitas das igrejas construídas fazem parte do património histórico e da identidade de cidades. Ao longo da história da cidade europeia as igrejas eram crescimento e consolidação urbanas à sua volta. A relação próxima com o poder e a influência da Igreja na sociedade permitiu que esta marcasse presença física em toda a cidade, construindo espaços de culto em praças, largos e ruas.” (Marques, 2011, p.2)

O *Codex Iuris Canonici* apenas contém cânones referentes a igrejas ou a capelas privadas, não tendo referência às capelas de domínio paroquial. Tendo em conta que o domínio das quatro capelas abordadas neste capítulo pertence à Paróquia de Santiago de Bougado, as mesmas tomam como referência os cânones destinados às igrejas, pois ambos são espaços sagrados e de culto público e devem estar sujeitos às mesma regras e conceitos. Estes edifícios sagrados destinam-se ao culto divino sendo de acesso aos fiéis para a prática, essencialmente pública, do culto divino (Can. 1214)²¹.

²¹ Can. 1214 — “Ecclesiae nomine intellegitur aedes sacra divino cultui destinata, ad quam fidelibus ius est adeundi ad divinum cultum praesertim publice exercendum.” CIC. Consultado a partir de: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html

5.1. Igreja de Santiago de Bougado

A igreja de Santiago de Bougado, no início do século XIII, é doada por D. Afonso III (1210 – 1279) ao Cabido da Sé do Porto, sendo esta doação confirmada pelo Papa Honório III (1150 – 1227) a 10 de janeiro de 1227 (Cruz, 1940, p. 4).

O Dicionário Geográfico de Portugal, também conhecido como Memórias Paroquiais de 1758²² refere que a igreja de Santiago de Bougado tinha “três altares: o altar-mor, onde está o Santíssimo Sacramento, e dois laterais, um do Santo Cristo e o outro de Nossa Senhora do Rosário; não tem naves, e tem duas irmandades, uma delas de Nossa Senhora do Rosário, e a outra das Almas, e São Sebastião, padroeiro delas”²³ (veja-se a Tabela 3). O Professor Doutor António Cruz descreve esta igreja como muito antiga, e com dimensões reduzidas, face àquelas que seriam a necessidade da época, não tendo assim, capacidade para comportar todos os fregueses (Cruz, 1940, p. 4). Sabe-se que em 1758 existiam 767 pessoas²⁴. (Veja-se a tabela 3)

Tabela 3 - Descrição da Igreja em 1758

ALTAR-MOR	Santíssimo Sacramento
ALTAR LATERAL	Santo Cristo
ALTAR LATERAL	Nossa Senhora do Rosário

²² Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

²³ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

²⁴ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

À data da redação da Memória Paroquial, em 1758, sabe-se que a atual igreja de Santiago de Bougado já estaria a ser construída, contudo, a descrição refere-se à igreja de origem medieval, cuja localização seria onde se encontra atualmente o Salão Paroquial - nas traseiras da atual igreja.

“no dia 26 de Agosto de 1748, uma praça pública, que decorreu junto da velha Igreja, devendo esse templo, que acabou por ser demolido, ter tido o altar-mor mais ou menos no ponto em que actualmente se situa a porta da entrada do Salão Paroquial, por ser aí, para cumprimento do disposto nas Constituições do Bispado do Porto, que estava fixo um pequeno cruzeiro do velho adro em derredor da Igreja nova e que desapareceu quando se construiu o cemitério actual, primeiramente (1918) a ocupar o terreno da arruinada Casa da Tulha, onde o Cabido recebia e recolhia a censoria em cereal, que lhe era paga pela freguesia.” (Cruz, 1985, pp. 113 e 114)

A atual igreja de Santiago de Bougado, implementada no Souto da Lagoa, é um projeto de Nicolau Nasoni (1661 – 1733), o famoso arquiteto da Igreja e torre da Irmandade dos Clérigos – no Porto, e foi financiada por Dom Diogo Marques Mourato (1670 – 1750), que haveria de vir a ser – Bispo de Miranda (1739 – 1750). Foi pároco, abade, de 1712 a 1718 e posteriormente abade pensionário de 1718 a 1750, desta Paróquia. Diogo Marques Mourato pretendeu que a paróquia construísse um novo templo junto da antiga igreja (Cruz, 1985, p. 113). Para tal deixa fundos, que havia recebido da mesma paróquia, a Dom Jerónimo de Távora e Noronha, que ficará responsável pelo processo. Não é de estranhar que Nicolau Nasoni tivesse sido chamado a projetar esta nova igreja, uma vez que o responsável pela sua vinda para o Porto foi Dom Jerónimo de Távora e Noronha, o mesmo homem em quem Diogo Marques Mourato confiava.

A escritura de 18 de julho de 1754, que contém os apontamentos que permitem a execução total da obra (Cruz, 1940, p.6), refere claramente que Nicolau Nasoni fez a

²⁵ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

planta do templo. Nos apontamentos da obra é possível lerem-se algumas indicações que não só dizem respeito a aspetos muito concretos de construção, referindo a planta da igreja, como ainda a aspetos ligados ao conhecimento sobre o espaço e seus recursos. Indica-se até qual a pedreira na freguesia de São Cristóvão de Muro poderia fornecer a pedra. No que diz respeito à planta e pormenores estavam previstos o lajeamento da capela-mor, assim como a elevação do altar-mor através de degraus de pedra. A divisão entre capela-mor e corpo da igreja deveria ser assinalada não só pela diferença de planos, como por um gradeamento em madeira, grade essa que foi removida em 1984. Na igreja erigem-se quatro altares em pedra e mantém-se a pia batismal no lugar onde já existira. Estão previstas portas laterais para além da porta principal e um púlpito (Cruz, 1940, pp. 6-8).

Infelizmente, a obra projetada por Nicolau Nasoni não será totalmente concluída, pelo que são efetuados alguns trabalhos na tentativa de rematar a obra e de permitir abandonar o “coberto” que após a destruição da antiga igreja serviu para as celebrações. A abóbada de berço ou de canhão só será concluída em 1984 com a intervenção de restauro. Até essa data, permaneceu inacabada e revestida por uma cobertura em madeira que tornava ilusória a própria abóboda²⁶ (Ribeiro, 2021, p. 28).

Uma reforma da igreja é levada a cabo por iniciativa do abade Gaspar Barbosa Pimenta, corria o ano de 1817, ano também em que é encomendado um Órgão de Tubos ao mestre organeiro Manuel de Sá Couto. Este órgão de estilo ibérico é construído em madeira de castanho, com pormenores vegetalistas (Ribeiro, 2021, p.59).

Em 1884, é introduzida na Igreja a talha neoclássica, sendo acrescentados dois altares retabulares colaterais, um deles dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e o outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria, neste último possuía a seguinte inscrição na mesa: *ESTE ALTAR FOI FEITO Á CUSTA DOS DEVOTOS DO C. DE MARIA / SENDO THEZOUR.º MANOEL DA COSTA PORTELA NO ANNO DE 1884* (veja-se a Figura 4).

²⁶ Atente-se na Figura 4, é possível observar as tábuas de madeira na cobertura.

Em 1917, na relação dos bens arrolados pertencentes à Junta de Parochia da freguesia de São Thiago de Bougado²⁷, a Igreja é descrita como sendo possuidora de sete altares retabulares, sendo eles: o altar-mor, dois altares colaterais e quatro altares laterais. O Padre Adélio Moreira de Araújo descreve a Igreja da direita para a esquerda: o altar-mor teria tribuna, sacrário, um Crucifixo e as Imagens de São Tiago Maior e de São Brás; o altar colateral do lado da epístola, teria presente a Imagem do Santíssimo Coração de Maria e de um Santo que não é mencionado o nome, apenas é escrito “São”; no primeiro altar lateral do lado da epístola estariam presentes as imagens do Senhor Crucificado, de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Amparo, de Santa Bárbara, do Menino Jesus, de São Sebastião e dois Serafins; no segundo altar lateral do lado da epístola estavam presentes as imagens de São Tiago, São Francisco de Assis e um grupo escultórico de Santa Ana e Nossa Senhora; no segundo altar lateral do lado do evangelho estavam as imagens de Santo António, São Sebastião e São Bento; no primeiro altar do lado do evangelho estavam presentes as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São José, São Miguel e dois Serafins; e no altar do lado do evangelho colateral a imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Para melhor visualizar o anteriormente escrito, atente-se na Tabela 4.

²⁷ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Culturais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

Figura 4 - Altares retabulares colaterais que foram inseridos na igreja paroquial em 1884



Fonte: Arquivo Paroquial de Santiago de Bougado, datada de 1962-1964. Robert Chester Smith.

Tabela 4 - Descrição da Igreja em 1917

ALTAR-MOR	Tribuna
	Sacrário
	Crucifixo
	São Tiago Maior
	São Brás

ALTAR COLATERAL DO LADO DA EPÍSTOLA²⁸	Santíssimo Coração de Maria
	São João Baptista ²⁹

PRIMEIRO ALTAR LATERAL DO LADO DA EPÍSTOLA	Senhor Crucificado
	Nossa Senhora das Dores
	Senhora do Amparo
	Santa Bárbara
	Menino Jesus
	São Sebastião
	Serafim
	Serafim

SEGUNDO ALTAR LATERAL DO LADO DA EPÍSTOLA	Santa Ana e Nossa Senhora (Grupo)
	São Tiago
	São Francisco de Assis

SEGUNDO ALTAR LATERAL DO LADO DO EVANGELHO	Santo António
	São Sebastião
	São Bento

²⁸ Altar construído em 1884 com a seguinte inscrição “ESTE ALTAR FOI FEITO À CUSTA DOS DEVOTOS DO C. DE MARIA SENDO THEZOUR.º MANOEL DA COSTA PORTELA NO ANNO DE 1884”, presente na Figura 4.

²⁹ Está presente na Figura 4.

PRIMEIRO ALTAR LATERAL DO LADO DO EVANGELHO	Nossa Senhora do Rosário
	São José
	São Miguel
	Serafim
	Serafim

ALTAR COLATERAL DO LADO DO EVANGELHO³⁰	Sagrado Coração de Jesus
--	--------------------------

Fonte: Relação dos bens arrolados pertencentes à Junta de Parochia da freguezia de São Thiago de Bougado de 22 de fevereiro de 1917³¹.

Em 1984 a igreja sofre uma intervenção de restauro orientada pelos estudos do Professor Doutor António Cruz, na tentativa de finalizar os planos do século XVIII. A madeira do chão foi remodelada e os azulejos das paredes foram alterados para cenas florais em tons de azul, considerando que esta seria à boa maneira barroca: estes azulejos passaram a revestir parte da capela-mor e da nave central, formando um friso azulejar na parte inferior da parede, mantendo a cobertura a cal das paredes daí para cima. A abóbada de berço foi concluída em betão armado retirando assim a ilusória abóboda de madeira referida anteriormente, esta foi projetada pelo Engenheiro Afonso António da Serra Neves e teve um custo de 3.000.000\$00³². Nesta mesma campanha de obras, foram retiradas catorze sanefas (quatro sanefas de confessionários, duas sanefas de portas laterais, duas sanefas de púlpitos, duas sanefas de janelões laterais e quatro

³⁰ Altar construído em 1884, presente na Figura 4.

³¹ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

³² Processo Nº 1521/83 da Câmara Municipal de Santo Tirso, cujo recebeu um parecer positivo por parte do Instituto Português do Património Cultural – atualmente este processo encontra-se no Arquivo da Câmara Municipal da Trofa.

sanefas dos altares retabulares), os frisos em talha que envolviam todos os janelões e os dois altares retabulares colaterais de estética neoclássica que haviam sido acrescentados à obra em 1884. Estes dois altares retabulares colaterais deram origem a duas peanhas graníticas no arco cruzeiro.

Até 1884, a talha era em tons de branco, azul-céu e folha de ouro, conforme se pode ainda hoje observar, já que, as peças que foram retiradas da igreja encontram-se guardadas nos diversos espaços paroquiais, mantendo a policromia original. Já a talha que permanece até aos dias hoje na igreja foi repintada pela Oficina Boaventura Matos³³ em tons marmoreados de verde, azul, cinza, rosa e castanho e rematada a folha de ouro, dando todo um aspeto *Rocaille* (Ribeiro, 2021, p. 43). O Professor Doutor António Cruz refere a intervenção de alteração de policromia no altar-mor como o “seu retábulo de talha liberto de repinturas que ofendiam a sua talha” (Cruz, 1985, p. 172).

Atualmente, e desde o final da intervenção de restauro e conclusão da construção do templo que o mesmo mantém os mesmos cinco altares descritos na memória descritiva de Nicolau Nasoni – “a capella mór lageada e altar de pedra [...]os altares da igreja quatro, também de pedra” (Cruz, 1940, pp.6-7) – um altar-mor, dois do lado da epístola e dois do lado do evangelho, porém, “Com isto não estamos a considerá-los, no seu todo, como uma criação de Nasoni, tanto mais que os apontamentos para a construção da Igreja o Artista deixou bem expresso que esses altares deviam ser de pedra” (Cruz, 1985, p. 14).

Hoje o altar retabular-mor é composto por sacrário, crucifixo e tribuna ao centro, São Tiago Maior do lado do evangelho – padroeiro da paróquia de Santiago de Bougado e São Jerónimo do lado da epístola – foi oferecido por um paroquiano com o mesmo nome e foi colocado no retábulo-mor devido às dimensões serem semelhantes à imagem de São Tiago Maior. São Jerónimo vem substituir a imagem de São Brás³⁴.

³³ Oficina de Santeiros em São Mamede do Coronado.

³⁴ Descrita na relação dos bens arrolados pertencentes à Junta de Parochia da freguezia de São Thiago de Bougado de 1917. Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

Na capela-mor foi colocada uma mesa de altar granítica com uma decoração no seu pedestal, o Sagrado Coração de Jesus, uma peça em talha proveniente do altar retabular colateral que tinha a invocação do Sagrado Coração de Jesus, retirado em 1984. Nas paredes da capela-mor estão presentes dois anjos tocheiros, em talha de madeira, do lado do evangelho tem um escudo com a inscrição “TE DOMINUM CONFITEMUR” – EU TE CONFESSAREI SENHOR e o do lado da epístola tem um escudo com a inscrição “TE DEUM LAUDAMUS” – DEUS, NÓS TE LOUVAMOS.

No arco cruzeiro, após serem retirados os altares retabulares colaterais, foram colocadas duas peanhas graníticas, do lado do evangelho com a invocação de Santa Ana – proveniente do segundo altar retabular do lado da epístola e a peanha do lado da epístola com a invocação do Imaculado Coração de Maria, devoção que permanece no mesmo local – proveniente do altar retabular colateral que fora retirado em 1984.

No primeiro altar retabular lateral do lado do evangelho, continua a dedicação às devoções Marianas. Inicialmente era a invocação de Nossa Senhora do Rosário – imagem que atualmente se encontra na Sacristia da Fábrica da Igreja; mais tarde o Senhor José da Inês ofereceu a Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima – imagem que atualmente se encontra na Sacristia, até à oferta da Casa do Gil da imagem do Imaculado Coração de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Do lado do evangelho está São José e do lado da epístola está a Imaculada Conceição.

No segundo altar retabular lateral do lado do evangelho, está presente a invocação de Santo António, sendo que a imagem original se encontra agora na Sacristia da Fábrica da Igreja. Do lado do evangelho está São Brás – proveniente do altar-mor e São Bento, do lado da epístola.

No primeiro altar retabular lateral do lado da epístola, estão presentes, ao centro, as invocações de Nossa Senhora do Amparo³⁵, Nossa Senhora das Dores e Cristo Crucificado. Do lado do evangelho está Santa Teresinha do Menino Jesus e do lado da epístola, São Nuno de Santa Maria.

³⁵ Desaparecida na década de 90 devido a um furto, foi encontrada na primeira década do século XXI no Museu de Arte Antiga em Lisboa. Durante o tempo em que esteve desaparecida, uma família ofereceu uma outra Imagem de Nossa Senhora do Amparo, mas a mesma nunca chegou a ser colocada no nicho porque tinha mais 5 cm do que a original e, portanto, não cabia no devido lugar.

No segundo altar retabular lateral do lado do evangelho, está presente a invocação ao Sagrado Coração de Jesus – imagem proveniente do altar retabular colateral do lado do evangelho que fora retirado em 1984. Do lado do evangelho está Santa Bárbara – primeiro altar retabular lateral do lado da epístola, esta imagem era já proveniente da Capela de Nossa Senhora da Livração e do lado da epístola São Sebastião – Imagem Proveniente do segundo altar retabular lateral do lado do evangelho.

As intervenções de restauro vão acontecendo ao longo do tempo nas mais ínfimas áreas, como é exemplo o restauro e ampliação do Órgão de Tubos em 1989 O altar-mor é dourado em 1995 e em 2009, a igreja sofre segunda intervenção de restauro, nomeadamente: os bancos da igreja são restaurados e a fachada da mesma é despida dos azulejos, voltando à simplicidade do caiado de branco e dos remates a granito, conforme estava previsto no risco de Nicolau Nasoni.

Constata-se que, nesta igreja, existe um revivalismo histórico e mesmo não sendo descrito na Memória Paroquial de 1758 qual a localização dos altares na antiga igreja, podemos dar quase como certo que o altar de Nossa Senhora do Rosário se localizava do lado do evangelho (equivalente ao primeiro altar retabular lateral do lado do evangelho com a devoção Mariana) e o altar do Senhor Crucificado no lado da epístola (equivalente ao primeiro altar retabular lateral do lado da epístola com a devoção do Cristo Crucificado), e analisando os frontais destes dois retábulos observa-se que o entalhe dos mesmo é diferente dos restantes, não sendo entalhados no período da construção da igreja. O Professor Doutro António Cruz entende-os como sendo provenientes da antiga igreja, algo que não é de estranhar, o seu entelha distinto do que fez à época.

“de admitir que dois dos seus frontais, de entalha sobre o baixo, rendilhada, tenham sido aproveitadas da igreja velha, que foi demolida. Quando convidado, certo dia, a examiná-los de espaço, o Prof, Robert Smith não viu razões para contrariar tal hipótese e acabou por chamar-lhes «um mimo, verdadeira jóia da arte portuguesa (nortenha) de entalhar»” (Cruz, 1985, p. 14)

Para melhor visualizar o anteriormente escrito, atente-se na Tabela 5.

Tabela 5 - Descrição da Igreja Atualmente

ALTAR-MOR		
Evangelho	Central	Epístola
São Tiago Maior	Sacrário Cristo Crucificado Trono	São Tiago Maior

PEANHAS NA CAPELA-MOR	
Evangelho	Epístola
Anjo Tocheiro ³⁶	Anjo Tocheiro ³⁷

PAREDE DO ARCO CRUZEIRO	
Evangelho	Epístola
Santa Ana ³⁸	Imaculado Coração de Maria ³⁹

PRIMEIRO ALTAR RETABULAR LATERAL DO LADO DO EVANGELHO		
Evangelho	Central	Epístola
São José	Imaculado Coração de Nossa Senhora do Rosário de Fátima	Imaculada Conceição

SEGUNDO ALTAR RETABULAR LATERAL DO LADO DO EVANGELHO		
Evangelho	Central	Epístola
São Brás	Santo António	São Bento

³⁶ No escudo encontra-se a inscrição “TE DOMINUM CONFITEMUR”.

³⁷ No escudo encontra-se a inscrição “TE DEUM LAUDAMUS”.

³⁸ Proveniente do segundo altar retabular do lado da epístola.

³⁹ Estava patente no Altar Colateral da Epístola desmantelado em 1984, presente na Figura 4.

PRIMEIRO ALTAR RETABULAR LATERAL DO LADO DA EPÍSTOLA		
Evangelho	Central	Epístola
Santa Teresinha do Menino de Jesus	Cristo Crucificado Nossa Senhora das Dores Nossa Senhora do Amparo	São Nuno de Santa Maria

SEGUNDO ALTAR RETABULAR LATERAL DO LADO DA EPÍSTOLA		
Evangelho	Central	Epístola
Santa Bárbara	Sagrado Coração de Jesus ⁴⁰	São Sebastião

O vitral é uma importante fonte de luminosidade no interior da igreja, é ao mesmo tempo uma expressão artística e que em tempos idos permitia a formação dos iletrados, através das suas imagens. Este, depende totalmente da luz, pois sem ela, fica sem vigor. A igreja tem treze vitrais, originais, quatro na capela-mor e nove na nave – onze deles são em formato retangular e dois em formato circular. Estes vitrais são compostos por uma estrutura em ferro, pintado de vermelho, e os vidros são em formato retangular. Os mesmos são decorados com elementos geométricos e vegetalistas, sendo que os vitrais retangulares têm retratada, ao centro uma imagem sagrada.

Na capela-mor, sobre o altar-mor estão presentes o Bom Pastor (do lado do evangelho). e o Cristo Ressuscitado (do lado da epístola) – uma simbologia do início da vida pública de Cristo como pastor do seu rebanho e a última aparição do mesmo antes da ascensão aos céus. Sobre as portas da capela-mor, estão presentes a Anunciação a Maria (do lado do evangelho) e quatro Anjos Músicos (do lado da epístola) – centrando a atenção de quem para eles olha no início do Novo Testamento com a concepção de Cristo⁴¹, e o final

⁴⁰ Estava patente no Altar Colateral do Evangelho desmantelado em 1984, presente na Figura 4.

⁴¹ “Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria,

do Novo Testamento com a presença de quatro anjos músicos, retratando na realidade os quatro cavaleiros descritos no livro do apocalipse, também conhecido pelo fim dos tempos – o primeiro cavaleiro (representado pelo anjo em segundo plano da composição à direita) tem um manto branco possui uma coroa e segura uma arpa, longa e arredondada, a sua fisionomia se confunde com um arco, Este cavaleiro é apelidado de Vencedor (Apoc 6, 2)⁴²; o segundo cavaleiro (representado pelo anjo em segundo plano, da composição à esquerda) possui uma veste vermelha (já desgastada pela luz) e segura uma trombeta longa (mais comprida do que a do anjo em primeiro plano, da composição à esquerda), representa a espada, e é apelidado de Guerra (Apoc 6, 3-4)⁴³; o terceiro cavaleiro (representado pelo anjo em primeiro plano da composição à direita) tem um manto preto e segura uma arpa, esta última, mais compacta que a anterior e em forma de “u”, representa a balança (devido ao equilíbrio que pode ser alcançado através da parte inferior do instrumento), trata-se do cavaleiro é apelidado de Fome (Apoc 6, 5-6)⁴⁴; o quarto cavaleiro (representado pelo anjo em primeiro plano da composição à esquerda) tem um manto cujo avesso é amarelo e está a tocar uma trombeta, esta última, representa a espada, é apelidado de Morte (Apoc 6, 7-8)⁴⁵.

não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.» Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.» Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela.” (Mt 1,18-25)

⁴² “E vi que apareceu um cavalo branco; o cavaleiro levava um arco e foi-lhe dada uma coroa. Depois, partiu vencedor para novas vitórias.” (Apoc 6, 2)

⁴³ “Quando Ele abriu o segundo selo, ouvi o segundo vivente que dizia: «Vem!» E saiu outro cavalo, que era vermelho; e ao cavaleiro foi dado o poder de retirar a paz da terra e de fazer com que os homens se matassem uns aos outros. Foi-lhe dada, igualmente, uma grande espada.” (Apoc 6, 3-4)

⁴⁴ “Quando Ele abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente que dizia: «Vem!» Na visão apareceu um cavalo negro. O cavaleiro tinha na mão uma balança. E ouvi algo semelhante a uma voz no meio dos quatro seres viventes que dizia: «Uma medida de trigo por um dinheiro e três medidas de cevada por um dinheiro. Mas não estragues o azeite nem o vinho.»” (Apoc 6, 5-6)

⁴⁵ “E, quando Ele abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente que dizia: «Vem!» Na visão apareceu um cavalo esverdeado. O cavaleiro chamava-se «Morte»; e o «Abismo» seguia atrás dele. Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar pela espada, pela fome, pela morte e pelas feras da terra.” (Apoc 6, 7-8)

Na nave central da igreja, sobre o altar retabular com a invocação de Nossa Senhora das Dores e de Cristo Crucificado, está presente, no vitral, a representação de São João Evangelista, o Apóstolo que permaneceu aos pés da Cruz, ao lado de Maria, também conhecido por discípulo amado – devido ao gesto relatado no evangelho de São João, Cristo *disse à mãe*: “«Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua” (Jo 19, 25-27). Sobre o altar retabular com a invocação do Sagrado Coração de Jesus, está presente, no vitral, a representação de São Joaquim, avô de Cristo e esposo de Santa Ana, é de lembrar que até 1984 a Imagem de Santa Ana era a invocação central deste altar – a lógica que a leitura de baixo para cima permitia fazer, foi interrompida com as mudanças introduzidas em 1984. Sobre o altar retabular com a invocação de Santo António, está presente, no vitral, a imagem do mesmo. Sobre o altar retabular com a invocação do Imaculado Coração de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, está presente, no vitral, a invocação a Nossa Senhora do Rosário – a invocação da imagem homónima que esteve presente neste altar até 1984. Sobre as portas do lado da epístola e do lado do evangelho estão presentes, os vitrais, com a representação da Ascensão de Cristo e a Descida da Cruz, respetivamente. Sobre estes dois últimos encontram-se dois vitrais em formato circular, decorados com motivos geométricos e vegetais.

Sobre o coro alto, no interior da fachada principal da igreja está presente um vitral inacabado de grandes dimensões. Para melhor visualizar o anteriormente escrito, atente-se na Tabela 6.

Tabela 6 - Os Vitrais da Igreja

CAPELA-MOR	Epístola – Sobre o Altar-mor	Cristo Ressuscitado
	Evangelho – Sobre o Altar-mor	Bom Pastor

	Epístola – Sobre a Porta da Sacristia	Quatro Anjos
	Evangelho – Sobre a Porta da Sala da Fábrica	Anunciação a Maria

NAVE	Epístola -Sobre o Primeiro Altar Lateral	São João Evangelista
	Epístola -Sobre a Porta Lateral	Ascensão de Cristo
	Epístola -Sobre a Porta Lateral	Motivos geométricos e vegetalistas
	Epístola -Sobre o Segundo Altar Lateral	São Joaquim
	Evangelho – Sobre o Primeiro Altar Lateral	Nossa Senhora do Rosário
	Evangelho – Sobre a Porta Lateral	Cristo é Descido da Cruz
	Evangelho – Sobre a Porta Lateral	Motivos geométricos e vegetalistas
	Evangelho – Sobre o Segundo Altar Lateral	Santo António
	Interior da Fachada – Sobre o Coro Alto	Inacabado

Exteriormente, a volumetria da igreja foi mantida inalterada desde a sua construção. O remate das torres sineiras é simples, como refere o Doutor António Cruz – “o mais simples possível” (Cruz, 1940. p. 8) em forma piramidal e construídas em tijolo. Esse

tijolo é revestido, exteriormente, por azulejos do século XVIII que seriam provenientes da antiga igreja (Cruz, 1940, p. 8). Na fachada, no centro do tímpano do frontão, o brasão de armas de D. Diogo Marques Mourato permanece por finalizar, deste é possível observar o chapéu eclesiástico com seis borlas de cada lado e a face central onde seriam esculpidos os restantes elementos.

Acima da porta principal da igreja, encontra-se um medalhão que deveria ter sido preenchido com a seguinte epígrafe, de acordo com os apontamentos que serviam para a execução da igreja: “Todo este templo mandou fazer por sua grande piedade o Excellentissimo Senhor Dom Diogo Marques Mourato, abbade que foi d’esta igreja e bispo de Miranda. Anno de tal. E também se lhe porá no lugar destinado as suas armas...” (Cruz, 1940, p. 8). Atualmente a inscrição que se encontra, não segue na sua totalidade este texto, encontrando-se a epígrafe: TODO ESTE TEMPLO / MANDOV FAZER POR SVA / GRANDE PIEDADE O EXCELENTISSIMO SENHOR D. DI- / OGO MARQVES MOVRATO ABBADE QVE FOI DE- / STA IGREJA E BISPO DE MIRANDA TEMPO EM / QVE ERA ABBADE DELLA THOMAS BARBOZA DE / SOVZA VIEIRA / ANNO DE 1754 / E FOI MANDADO REFORMAR PEL- / LA FREGVEZIA E PELLO ABBADE DA MESMA / GASPAR BARBOZA PIMENTA (...) / ANNO DE 1817.

Os Párocos que sucederam ao Padre Gaspar Barboza Pimenta, não deixaram o seu testemunho gravado na pedra, apenas foram deixando alguns escritos, que muitos se perderam ao longo do tempo. Com o Padre Armindo da Silva Gomes, o grande impulsionador das obras de restauro da igreja, é possível encontrar um vasto leque de documentos sobre as obras efetuadas.

5.2. A Capela de Nossa Senhora da Graça

De arquitetura singela e desprovida de decoração exterior, a capela de Nossa Senhora da Graça ergue-se no século XVII no denominado lugar, à data, da Trofa – *A mais antiga referência que possuímos da antiguidade desta capela é 1678. Nesta altura temos a certeza que já existia.* (Rodrigues, 1984, p. 180). A capela é destacada no ponto treze da Memória Paroquial de 1758 – “Ermida de Nossa Senhora da Graça com as imagens de Santa Luzia e São Gonçalo, e está dentro do sobredito lugar da Trofa, e pertence a esta freguesia”⁴⁶.

Num documento de 1917, presente no Arquivo das Finanças, a “relação dos bens arrolados e pertencentes à Junta de Parochia da Freguezia de São Thiago de Bougado”⁴⁷, esta capela é já referida como capela de Santa Luzia e que se situava no lugar da Trofa-Velha, junto à estrada⁴⁸.

O retábulo-mor, criado no século XVIII⁴⁹, em estilo barroco, apresenta uma talha minuciosa com colunas torcidas e repletas de decoração vegetalista e animalista. Neste retábulo predomina a folha de ouro e nos espaços onde estão presentes as imagens devocionais, está presente o azul céu. Já no século XIX, a capela é aumentada em altura, permitindo a criação do coro alto e a colocação de um púlpito. No exterior foi colocada uma sineira. No dito documento de 1917, a capela é descrita como tendo “côro, púlpito e um altar com as seguintes imagens. Santa Luzia com umas argolas de ouro nas orelhas, e uma dita mais pequena de barro; Senhora da Graças com brincos de ouro e o menino Jesus no braço, e a de São Gonçalo”⁵⁰. Estas três imagens são as que, na atualidade, são veneradas, mantendo os elementos descritos pela “Relação dos bens arrolados”. Estas

⁴⁶ *Ermita. N. Sra. de Gracia. Dista quatro leguas.* (Marin, 1766, p. 280)

⁴⁷ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

⁴⁸ *Capela de Santa Luzia no Logar da Trofa Velha, á margem da estrada.* Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

⁴⁹ Consultado a partir de: http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=35067

⁵⁰ Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/PTO/STI/ARROL/006. Consultado a partir de: https://purl.sgmf.gov.pt/147151/1/147151_master/147151_PDF/147151.pdf

três imagens devocionais encontram-se dispostas da seguinte forma: Nossa Senhora da Graça ao centro, Santa Luzia do lado do evangelho e o Beato Gonçalo do lado da epístola. É de referir que no dito altar está também presente, sobre a Imagem de Nossa Senhora da Graça, a Pomba do Espírito Santo.

A capela de Nossa Senhora da Graça (Figura 5), dedicada às graças de Maria, parece indicar desde o século XVIII uma forte devoção Mariana naquele local. Já no século XIX, com o aumento dos peregrinos que aqui acorriam em devoção a Santa Luzia, a denominação altera-se e acompanha a afluência dos crentes na Virgem e Mártir Italiana, passando a ser chamada de capela de Santa Luzia. A romagem a Santa Luzia é já referida em 1758, mas como pequena⁵¹. Contudo, de acordo com a disposição da imaginária, anteriormente referida, a padroeira da capela continua a ser a Nossa Senhora da Graça, e a sua imagem está no lugar estabelecido para o padroeiro.

A tradição de ser coroada pela coroa do Espírito Santo era já uma tradição, porque a coroa de prata com o emblema da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, é mencionada em 1917⁵². Em 1758 já acontecia uma pequena romagem no último dia da oitava do Espírito Santo⁵³, mas é no século XX que se nota uma maior afluência ao Espírito Santo e “Na oitava do Espírito Santo havia a festa dedicada à Santa Luzia, antecipando-se assim as homenagens deste povo à sua protectora, dado que a Igreja Católica reserva a data de 13 de Dezembro para homenagear esta Virgem Santa de origem Italiana” (Rodrigues, 1984, p. 181).

Em 2011, por mérito do Padre Armindo da Silva Gomes, a capela foi restaurada e foi colocado, na fachada principal, um vitral dedicado ao Espírito Santo. Neste ano é também dourado o altar retabular (Bougado, 2012, p. 23).

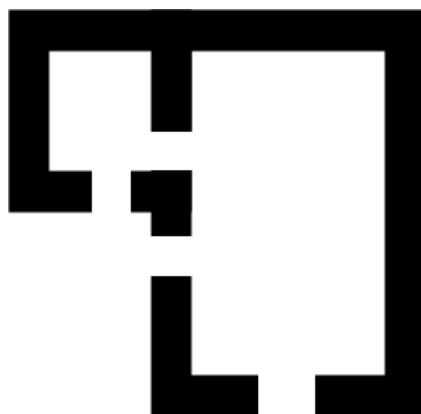
⁵¹ “No dia treze do mês de Dezembro acode à dita ermida uma pequena romagem”. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/ 7/52. Consultado a partir de: <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

⁵² *Uma coroa de prata com o emblema do Espírito Santo*. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52. Consultado a partir de: <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

⁵³ *No dia da última oitava do Espírito Santo [...] acode à dita ermida uma pequena romagem* Arquivo Nacional Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico de Portugal, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/ 7/52. Consultado a partir de: <https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=4239303>

Devido às reduzidas dimensões desta estrutura, ela acolhe a eucaristia apenas três vezes por ano: no dia do Beato Gonçalo de Amarante, a 10 de janeiro; no dia do Espírito Santo, ou seja, no domingo de Pentecostes e no dia de Santa Luzia, a 13 de dezembro.

Figura 5 - Capela de Nossa Senhora da Graça



Fonte: Fotografias presente em <http://paroquiadebougado.pt/index.php/parouquia/centros-de-culto/capela-de-santa-luzia.html>

5.3. A Capela de Nossa Senhora do Desterro

A Capela de Nossa Senhora do Desterro, localiza-se no Souto de Bairros e foi construída em 1647, a data que se encontra gravada no nicho que se encontra na capela-mor, do lado do evangelho. No nicho existente na capela-mor, do lado da epístola, encontra-se a gravação *O ABBMEDCOVOEE*, à qual, a plataforma SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico comenta a probabilidade da construção ser promovida pelo Abade Manuel de Carvalho. Porém, o nome Manuel de Carvalho não consta na lista de paroquialidade de Santiago de Bougado⁵⁴, o certo é que à época, desde 1616, paroquiava o Abade Manuel do Couto⁵⁵. Esta inscrição fica em frente à do ano de construção, parecendo ser possível encontrar uma ligação entre as duas; poderá ter sido este pároco o impulsionador da obra. Na fachada da capela encontra-se a data de 1766, data essa que na plataforma SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico se atribui a uma intervenção de ampliação da capela⁵⁶.

A 18 de janeiro de 1985, o projeto (Figuras 7 e 8) para a ampliação da Capela de Nossa Senhora do Desterro (Figura 6) à entrada nos serviços diocesanos do Porto – processo Nº 532, ao qual, D. Júlio Tavares Rebindas (1922-2010) – Bispo do Porto (1982-1997) do Porto, dá autorização para ampliação da capela, em 24 de janeiro de 1985, aceitando a justificação da obra “Como alude salvaguardar todos os valores artísticos e com atenção à funcionalidade litúrgica”⁵⁷, de facto, o Pároco de Santiago de Bougado comprometera-se, desde o início do pedido, a zelar pelos bens artísticos e ao respeito pelo espaço litúrgico. Todo o processo diocesano é encerrado a 8 de maio do mesmo ano, data em que é comunicada a aprovação ao pároco.

Após a aprovação episcopal, é então pedida a autorização à Câmara Municipal de Santo Tirso – Processo Nº 2193/85, sendo aprovado no dia 8 do mês de agosto de 1985. Ao relembrar todas estas datas, é interessante perceber que este processo foi

⁵⁴ Consultado a partir de: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/o-paroco/os-p%C3%A1rocos-anteriores.html>

⁵⁵ Consultado a partir de: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/o-paroco/os-p%C3%A1rocos-anteriores.html>

⁵⁶ Consultado a partir de: http://monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3880

⁵⁷ Arquivo Diocesano do Porto, Processo Nº 532.

relativamente rápido, durou cerca de oito meses, mas nenhuma das instâncias fez observações aos projetos, pelo menos que esteja documentado nos processos.

O Padre Armindo da Silva Gomes – Pároco de Santiago de Bougado, no pedido de ampliação, descreve a intervenção como *necessidade urgente* e descreve o lugar de Bairros como tendo 320 fogos, mais 195 do que os valores de 1960. Contudo, Armindo da Silva Gomes revela no texto inicial que durante dez anos se discutiu esta obra dentro da comunidade, havendo paroquianos contra e outros a favor desta obra⁵⁸.

De 1985 a 1987 acontece então as obras de ampliação desta capela que sita no Souto de Bairros; na obra despenderam-se cerca de 14.000.000\$00, totalmente suportados por donativos e coletas por parte dos moradores de Bairros (Rodrigues, 1987, p.5). Rodrigues, na memória que escreve sobre a inauguração da Capela de Bairros, escreve as palavras de agradecimento ao Arquiteto Mário Emílio de Azevedo – urbanista na Câmara Municipal de Gaia e ao Engenheiro Augusto da Costa Portela, pelo serviço gratuito que haviam prestado à obra de Nossa Senhora do Desterro.

Segundo a memória descritiva e justificada do processo Nº 532, redigida pelo Engenheiro Augusto da Costa Portela, pretendia-se conciliar a nova estética arquitetónica com a da fachada principal. Esta fachada principal foi retirada de modo sistemático e organizado e posteriormente foi reedificada, de modo a permitir o aumento da nave central da capela. Relativamente à estrutura, ela desenvolve-se de forma arredondada e em anfiteatro de dois níveis – nave e galeria, tendo capacidade para receber 400 pessoas. A cobertura do corpo principal da capela é um telhado de duas águas, já a cobertura das laterais da construção é em forma de calota, unindo-se em forma de arco por cima da cobertura do troço principal.

A construção que um dia foi a capela (comparação entra a Figura 6 e as Figuras 7 e 8), é hoje a capela-mor, tendo o retábulo-mor ao centro com a invocação de Nossa Senhora do Desterro e do Senhor da Pobreza sob o sacrário; do lado do evangelho figura Nossa Senhora da Lapa e do lado da epístola, Santo António.

⁵⁸ Arquivo Diocesano do Porto, Processo Nº 532.

Na capela-mor existem dois nichos, que contém as epígrafes acima descrita, com duas imagens devocionais, cuja invocação é desconhecida, mesmo para especialistas, de acordo com os Inventários da Diocese do Porto. Porém, num manuscrito que dá conta da reforma do inventário da capela em 15 de maio de 1910⁵⁹, são mencionadas duas invocações, a de Nossa Senhora do Bom Despacho e a de Santa Justa.

Numa das imagens, o menino Jesus está ao colo de uma figura feminina e tendo em atenção que, na Igreja Católica, apenas uma mulher é representada com Jesus ao colo, desde logo assumimos que a primeira imagem mencionada, presente no nicho do lado do evangelho, é a Virgem, que serve de trono ao seu filho e está sob uma nuvem de onde saem 3 anjos. Analisando esta representação com a imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho que se venera no santuário homónimo, em Cervães, denota-se uma certa familiaridade nas formas concebidas, ambas estão sob uma nuvem de onde saem três anjos, tendo o menino sentado entre a mãe e o pulso esquerdo.

A segunda imagem mencionada, que se encontra no nicho do lado da epístola, de acordo com os atributos evidenciados, uma peça decorativa que faz lembrar uma coroa e flores no regaço, poderiam ser uma invocação da Rainha Santa Isabel, tal como escreve Juan Carmona Muela na sua monografia “Iconografia de los Santos” (Muela, 2020, p. 211). Só assim se pode explicar o estandarte que sai nas diversas procissões da paróquia, dedicado à Rainha Santa, que certamente não é um acaso ou mera coincidência. Não há na restante paróquia outra imagem da Rainha Santa.

Porém, o manuscrito de 1910 indica a presença de uma imagem de Santa Justa presente nesta capela e não existindo nenhuma outra imagem da qual haja dúvida da sua invocação, coloca-se em também em hipótese em invocação, porém, não são encontrados nenhuns elementos iconográficos que a identifiquem. Não se nega que em tempos tivesse presente a palma – símbolo do martírio, colocada entre o braço direito e o peito, pois esta imagem é representada com a mão no peito. Contudo, por enquanto, não é possível indicar uma das duas invocações como certa.

⁵⁹ Arquivo Paroquial de Santiago de Bougado, Reforma do inventário das alfaia e paramentos da capela de Nossa Senhora do Desterro, produzido a 15 de maio de 1910.

Logo após o arco de cruzeiro, foi construído um novo altar-mor no centro desta nova construção, sendo ladeado por duas peanhas uma com a imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, presente do lado do evangelho e, na outra a imagem de Santa Bárbara, do lado da epístola.

Na sacristia do lado do evangelho, é possível encontrar as imagens de São Manuel e do Menino Jesus e na sacristia do lado do epístola, as imagens de Nossa Senhora de Lurdes, de Nossa Senhora da Conceição e de Sagrado Coração de Jesus. Segundo o manuscrito⁶⁰ anteriormente referido, as imagens de São Manuel, do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora de Lurdes, foram colocadas na capela de Nossa Senhora do Desterro, oferecidas por Manuel Dias da Silva Carneiro.

Relativamente aos vitrais, apenas dois têm representações sacras, ambos localizados sobre os pequenos nichos na capela-mor, um com a representação de Nossa Senhora da Lapa e o outro com a de Santo António, localização que corresponde à das imagens em estatuária, no retábulo-mor. Os restantes são em vidro trabalhado, desprovidos de decoração, apresentando as cores de azul e amarelo.

A nave e a galeria, ambas de forma circular, apresentam *cortes* para a entrada de luz, fazendo assim um jogo de quatro paredes depois do troço principal da capela. As paredes da galeria apresentam oito painéis azulejares da autoria de Joaquim Oliveira – como se pode observar na assinatura nos painéis. A sua policromia nas totalidades azul e branco, é definida pelos jogos de luz e sombra. Nos oito painéis azulejares está representada a “Coroação da Virgem e as suas sete dores”: primeira dor – “Apresentação do Menino no Templo”; segunda dor – “Desterro”; terceira dor – “Encontro do Menino Jesus no Templo”; quarta dor: “Encontro de Maria Santíssima com o Filho a Caminho do Calvário”; quinta dor: “Crucificação de Jesus”; sexta dor: “Descida da Cruz”; sétima dor: “Sepultura de Jesus”.

A representação dos painéis azulejares acabam por mostrar que a Virgem do Desterro é parte integrante de uma de uma outra devoção Mariana, que são as Dores de Maria. Para além das Sete Dores de Maria, está também representada a Coroação da Virgem,

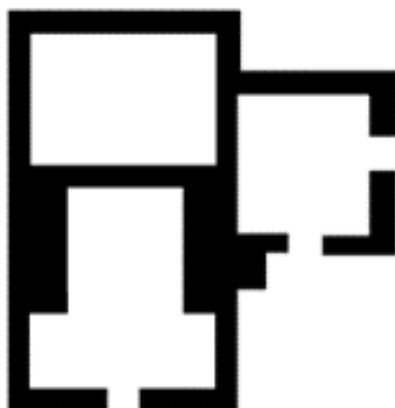
⁶⁰ Arquivo Paroquial de Santiago de Bougado, Reforma do inventário das alfaia e paramentos da capela de Nossa Senhora do Desterro, produzido a 15 de maio de 1910.

no final, dando ênfase de que o percurso de Maria permitiu a sua Santidade e a sua coroação no Reino dos Céus. Com toda esta narração e percebendo que todas as dores estão relacionadas com momentos da vida pública de Jesus Cristo, pode-se concluir que estamos perante uma catequese visual.

É de referir que o espaço interior da capela, não tem corredor principal. O arco cruzeiro é marcado por uma sanefa de grandes dimensões e sobre as portas de acesso às sacristias existem duas sanefas de menores dimensões. Observando alguns aspetos presentes na capela, pode-se concluir que a base de pedra que se encontra por baixo da cadeira presidencial é oriunda do púlpito que acabou por ser removido com as obras de ampliação da capela. A pedra em voluta, que hoje serve de ambão, foi, até 1985 a pedra que se localizava por baixo da base do púlpito, nela está escrita a data 1766 – provavelmente é a data da colocação do púlpito na capela. A grade de madeira, presente no coro-alto, é bem possível que seja um aproveitamento de peças sobrantes da grade da capela-mor que foi removida da igreja em 1984 – a sua fisionomia e aspeto estrutural da madeira condizem com as que estão presentes no coro-alto da igreja, é muito provável que sejam do mesmo conjunto.

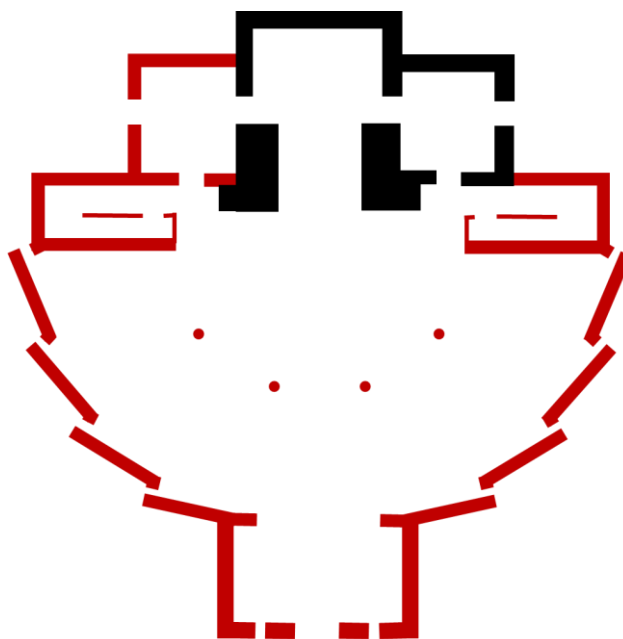
A área exterior, o adro da capela, mereceu a intervenção da Câmara Municipal de Santo Tirso, a sua revalorização com uma vedação, arruamentos, e pontos de água, eletricidade. Tornou-se e, espaço de lazer e descanso, tendo tido um custo de 3.550.000\$00 (Rodrigues, 1987, p. 5). É importante referir que, nesta altura, era cada vez mais crescente o movimento independentista da Trofa, tendo acontecido a elevação da Trofa à categoria de vila no ano anterior.

Figura 6 - Capela de Nossa Senhora do Desterro antes da intervenção de ampliação



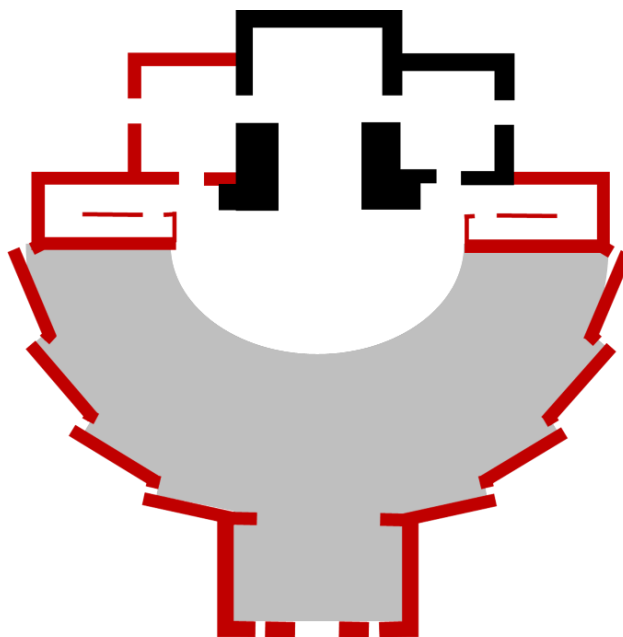
Fonte: Fotografia presente na monografia de Alcino Rodrigues de 1987.

Figura 7 - Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora do Desterro – Nave / Piso Térreo



Fonte: Processo Nº 532 do Arquivo Diocesano do Porto e Nº 2193/85 do Arquivo Municipal da Trofa, proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso.

Figura 8 - Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora do Desterro - Galeria



Fonte: Processo Nº 532 do Arquivo Diocesano do Porto e Nº 2193/85 do Arquivo Municipal da Trofa, proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso.

5.4. A Capela de Nossa Senhora da Livração

Apresentando-se a esta junta os senhores António Rodrigues Pereira Serra, Manuel Amândio Dias de Oliveira e José Joaquim de Carvalho, solteiros, de maior idade, desta freguesia, declararam que, tendo se reunido juntamente com mais alguns mancebos desta mesma freguesia, com o fim de edificar em, por meio de uma subscrição uma pequena imida no lugar de Lantemil desta freguesia para nela ser colocada a imagem de Nossa Senhora com a invocação de Senhora da Livração, tendo para esse mesmo fim consultado o Rev.^{mo} Senhor Abade o qual aprovou esta lembrança, deseja obter desta corporação a autorização. (Ata da reunião de 16 de dezembro de 1883 da Junta da Paróquia da freguesia de Santiago de Bougado).

Sendo, à data, pároco o Abade Manuel da Silva Cruz dos Santos⁶¹, aprovou esta iniciativa, aparentemente da juventude do lugar de Lantemil, comprometida com uma devoção bem específica. A mesma ata refere que os membros da Junta foram, com o pároco, visstoriar o local, examinando assim se o dito ssuidor das condições exigidas.

A Capela de Nossa Senhora da Livração, localizada em Lantemil, “foi construída em 1893” (Camposa, 1990, p. 85) por iniciativa da “Mocidade” e financiada pelos paroquianos e por Manuel José Ribeiro – Conde de São Bento (1807 – 1893), conforme se pode verificar na inscrição⁶² presente na fachada principal da capela. O Conde de São Bento, brasileiro de torna-viagem, havia já, em 1879, financiado a nova construção da Capela de Nossa Senhoa das Dores, que existe, hoje, no parque homónimo no centro da Cidade da Trofa.

Carlos Camposa, na sua monografia refere que se lembra de lhe dizerem que a Família Sousa Maia tinha cedido os terrenos para a construção da nova capela e que o Abade Sousa Maia (1863 – 1941), para além do financiamento do Conde de São Bento, se empenhou na angariação de fundos com iniciativas culturais (Camposa, 1990, p. 85).

⁶¹ Consultado a partir de: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/o-paroco/os-p%C3%A1rocos-anteriores.html>

⁶² POR INICIATIVA DA MOCIDADE / E AS EXPENSAS DO EX(celentissi)MO / CONDE DE S(ão) BENTO FOI / EDIFICADA ESTA CAPEL / LA DE N(oss)A SENHORA DA LI / VRAÇÃO NO ANNO DE / 1893.

Presume-se que no ano seguinte, em 1894, é colocado um púlpito na nave da capela, nesse púlpito está gravada a referida data.

A 19 de janeiro 1988, de acordo com a datação presente no processo 1917/88⁶³ é enviado um pedido, pelo pároco Armindo Gomes – na qualidade de pároco e de presidente da Comissão Fabriqueira de Santiago de Bougado para a ampliação da capela à Câmara Municipal de Santo Tirso. Armindo Gomes refere que esta obra é de necessidade imperiosa e urgente, pedindo ainda a isenção de taxas. A 12 de maio do mesmo ano os Serviços de Estado e Planeamento da Câmara Municipal de Santo Tirso (SEP), referesem a esta obra como viável, deixando a seguinte nota “No entanto e tendo em atenção a reconhecida qualidade ambiental do local onde se insere, chama-se a atenção para a necessidade da apresentação de um projeto de inequívoca qualidade arquitectónica, condição essencial para a aprovação do projeto definitivo”⁶⁴. O projeto da autoria do Engenheiro José Augusto da Costa Portela foi viabilizado a 13 de junho de 1988.

É então, a 28 de outubro de 1988, entregue à Câmara o pedido de aprovação do projeto que junta e da respetiva licença, na forma gratuita, com a máxima urgência⁶⁵. Neste mesmo documento, os serviços anotam à margem a falta de cinco elementos: parecer da junta de freguesia, plantas estruturadas, cópia do processo, o pagamento da taxa de apreciação e as cores convencionais com que o arquiteto deveria indicar diferentes elementos.

Dá entrada, a 27 de outubro de 1988, o pedido de ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração (Figuras 10, 11 e 12), na Diocese do Porto – processo Nº 601, pedido apresentado pela Comissão da Fábrica de Santiago de Bougado – Padre Armindo Gomes, Alexandrino Serra Cruz e Adélio Pinheiro Dias Morais. O mesmo é aprovado por D. Júlio Tavares Rebindas, então Bispo do Porto em 14 do mês de novembro do mesmo ano.

É de notar a pressão exercida para a aprovação do projeto de ampliação pelo pároco de Santiago de Bougado, conclusão retirada devido às palavras utilizadas pelo pároco no

⁶³ Arquivo Municipal da Trofa, Processo Nº 1917/88 – proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso

⁶⁴ Arquivo Municipal da Trofa, Processo Nº 1917/88 – proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso

⁶⁵ Arquivo Municipal da Trofa, Processo Nº 1917/88 – proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso

processo 1917/88. “De facto, havia a necessidade de uma OBRA que servisse, a sério, as populosas ALDEIAS DE CIMA, com uns 550 fogos aproximadamente” (Camposa, 1990, p.7). Quando o autor refere *Aldeias de Cima*, refere-se aos lugares de Cedões, Lantemil e Trofa-Velha que apresentam um aumento, aproximadamente, de 348 fogos face aos que existiam em 1960. Não existe o topónimo *Aldeias de Cima*, mas este autor considerando a cota a que se encontram estes lugares, entende que a designação *de Cima* se justifica e as distingue das restantes. Além disso na freguesia vizinha e próximo deste lugar de Lantemil existe o topónimo *Alvarelhos de Cima*.

A capela foi ampliada para poente e a sua fachada principal foi demolida, sendo reconstruída a cinco metros de distância do posicionamento original, permitindo um aumento da nave que viria a transformar-se no atual altar-mor. A estimativa orçamental da obra aponta um custo de 18.720.632 (dezoito milhões setecentos e vinte mil seiscentos e trinta e dois escudos), incluída a construção, em betão, de uma cripta, da nave e da galeria. Esta nova construção aumenta os 60m² de superfície da antiga capela para um total de 600 m² (Figura 9).

A cripta, foi o primeiro espaço a estar concluído, sendo utilizada para a celebração eucarística enquanto decorriam as obras de ampliação. Este espaço com um altar/palco ao centro, foi em tempos, desde 1990 até 2013, um espaço ocupado pela formação cristã das crianças dos lugares de Cedões, Lantemil e Trofa-Velha. Além da formação cristã para crianças, este espaço recebeu também formações de adultos e conferências. No piso térreo, as sacristias e a capela-mor não sofreram aumentos de volume. Mas a disposição e orientação, assim como as pinturas são alterações de vulto. No retábulo-mor está presente uma pintura, oferecida pelo autor, fulano de tal. localizada acima do sacrário, no local onde esteve presente a imagem de Nossa Senhora da Livração; do lado do evangelho invocação de Santa Teresinha do Menino Jesus e do lado da epístola a de Santo António. Numa credencia existente do lado da epístola, está presente uma imagem de Nossa Senhora da Livração, de pequenas dimensões.

O novo altar-mor, ocupante integral da antiga nave, apresenta uma fisionomia quase que monumental, face ao que existia até 1988. Fazendo uma comparação entre a construção e os projetos aprovados pelas instâncias, tanto civil como religiosa, o projeto

incluía uma reentrancia na parede de fundo, do lado da epístola, reentancia essa que serviria para colocar um altar retabular com uma imagem devocional; porém, o que foi construído não contempla senão o altar-mor. A aniga talha foi retiarda da igreja em 1984 e talvez tenha existido a intenção de algum reaproveitamento que depois não se veio a efetuar.

A nave, cheia de luz, tem nas suas paredes azulejos alusivos à iconografia de Nossa Senhora da Livração e à Paixão de Cristo. Está estruturada através de um corredor principal e três laterais, com igual número de alas de bancos. Presente na parede lateral do lado da epístola, está a base do antigo púlpito, transformado em peanha para suportar a imagem da padroeira da capela, oriunda do retábulo-mor. Nas traseiras desta imagem devocional, está presente uma peça em talha dourada, ricamente decorada com entrelaçados e raios, suportando a iconografia da paixão; esta peça é proveniente do altar colateral do lado do evangelho que foi retirado da igreja, 1984⁶⁶.

A capela apresenta um piso superior, em forma de galeria que desce suavemente como se de um anfiteatro se tratasse. A sua grade de proteção tem com elemento decorativo a âncora de Nossa Senhora da Livração. Existe aqui um pequeno nicho com a imagem de Santa Rita. E, a partir de finais de 1999, a comunidade pôde dispor de um órgão de tubos da firma de António Simões⁶⁷. O coro alto das antigas igrejas reencontra-se aqui na galeria-anfiteatro. Os vitrais são desprovidos de decoração, sendo o seu vidro trabalhado e a coloração azul e amarela.

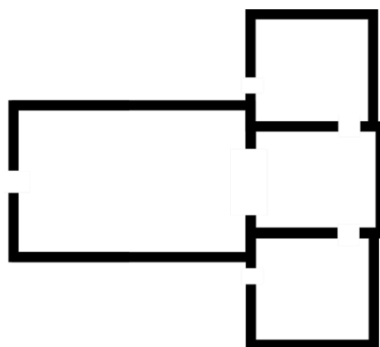
Exteriormente, a capela apresenta duas reentrâncias na parede traseira do altar-mor: Nessas reentrâncias estão presentes dois painéis azulejares de policromia azul e branca, e onde figuram Nossa Senhora da Livração, num deles e no outro Santa Luzia. A referência a Santa Luzia é alusão à tradição da extinta procissão em honra da Virgem Santa de origem italiana: “*procissão* que, à tarde, se fazia até à capela da Senhora da Livração, ou antes dela, até ao largo onde se viria a erigir o dito templo” (Rodrigues, 1984, p.181).

⁶⁶ Atente-se na Figura 4, nas por trás da imagem, na parede do retábulo colateral retirado da igreja em 1984, do Sagrado Coração de Jesus, está presente uma peça em talha cuja aparência é igual à que se encontra por trás da imagem de Nossa Senhora da Livração.

⁶⁷ Inventário da Diocese do Porto, do Departamento dos Bens Culturais da Igreja.

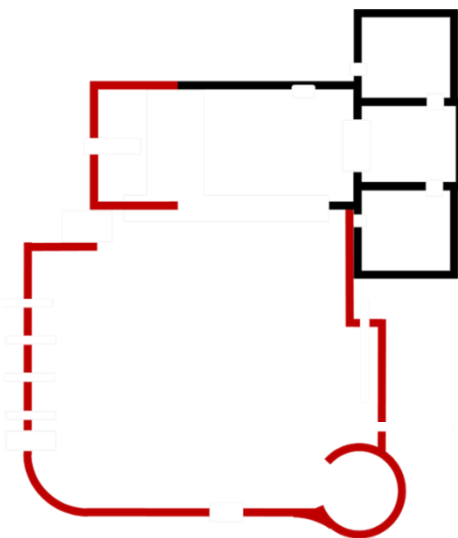
Na fachada a poente encontra-se a porta principal, tendo do seu lado esquerdo um painel azulejar com a imagem de Maria a caminhar com a inscrição “Maria vai de visita a Santa Isabel”. Por baixo deste painel encontra-se a placa comemorativa da bênção da capela, a 15 de julho de 1990.

Figura 9 - Capela de Nossa Senhora da Livração antes da intervenção de ampliação



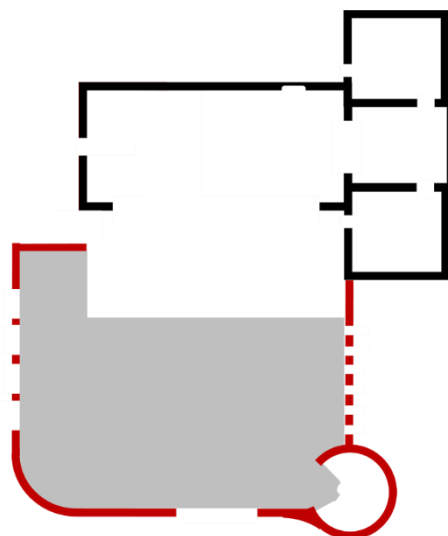
Fonte: Fotografias presente em <http://paroquiadebougado.pt/index.php/paroquia/centros-de-culto/capela-de-lantemil.html>

Figura 10 - Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração – Nave / Piso Térreo



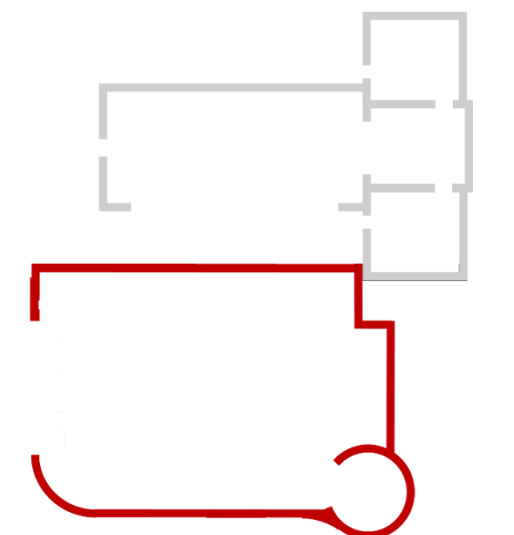
Fonte: Processo Nº 601 do Arquivo Diocesano do Porto e 1917/88 do Arquivo Municipal da Trofa, proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso.

Figura 11 - Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração - Galeria



Fonte: Processo Nº 601 do Arquivo Diocesano do Porto e 1917/88 do Arquivo Municipal da Trofa, proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso.

Figura 12 - Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração – Cave / Cripta



Fonte: Processo Nº 601 do Arquivo Diocesano do Porto e 1917/88 do Arquivo Municipal da Trofa, proveniente da Câmara Municipal de Santo Tirso.

5.5. O Santuário de São Gens

A capela de São Gens no cimo da Serra de Bougado, é erguida, em 1953, e a devoção a São Genésio de Roma desenvolve-se ao longo do século XX, levando até ao Santuário um grande número de peregrinos. Porém, a história do Santuário tem o seu início a partir do dia 6 de abril de 1930, data em que o Abade Sousa Maia, pelo seu heterónimo, publica, sob o seu heterónimo, Helmano Montano, um artigo intitulado *S. Gens* no jornal quinzenal *O Trofense*.

Este autor sustenta que os fundadores da vila de Cidai eram oriundos da *Civitas Alvarelios* sendo estes os primeiros povoadores daquele espaço que mais tarde se transformou em aldeia. Colocando como hipótese que *esses primitivos povoadores daquela importante aldeia bougadense os fundadores do eremitério de S. Gens, talvez por serem romanos ou deles descendentes, e terem, por conseguinte, conservava memória do trágico martírio do Santo que fora contemporâneo de seus antepassados* (Montano, 1930, p.1). O autor cria uma linha sucessiva de informações que encaixa de modo a demonstrar que a freguesia de Santiago de Bougado tem origens romanas. Roma, no tempo do Império, era símbolo do poder e Helmano Montano tenta demonstrar que nesta freguesia se respiravam as influências romanas.

A denominação Cidai, traduzida por *Terra das sete estacas*, estaria ligada, segundo a tradição, a um uso das gentes desta aldeia, que se movimentavam até ao cimo da serra para a colocação, dia após dia, de uma marca que os orientava *no cumprimento dos próprios deveres religiosos; – era uma estaca que se espetava cotidianamente na Terra e, logo que houvesse 7 balizas, iam todos à missa a igreja de Bougado, que ficava longe lá no fundo do vale...* (Montano, 1930, p.1).

Trata-se de uma parábola que incide no calendário semanal com a indicação de que ao domingo a comunidade participava da assembleia paroquial, na igreja. Interessante é também esta forma de criar a consciência dos traços mais visíveis do território da paróquia. De Cidai, no monte, descia-se uma vez por semana, ao fundo do vale, onde se encontrava a igreja paroquial. Quando observamos a Carta Militar de Portugal, edição de 2011, na escala 1:25.000 e onde assinalamos quer a igreja matriz quer a capela de Cidai, é clara esta noção de vale e elevação. Curioso também que o padre Sousa Maia,

que como pároco, deveria percorrer muitas vezes a sua freguesia, possa ceder aqui ao escritor Montano e colocar a igreja *lá longe*. Trata-se de uma distância de 3800 metros, que demora 48 minutos a ser percorrida a pé e 8 minutos de carro.

Alcino Rodrigues, no seu livro de memórias *Misérias e Grandezas das Terras de Bougado*, refere que provavelmente no século XIII, o povo de Cidai construiu uma capela cujo orago é São Gens e que a mesma foi abandonada em condições desconhecidas (Rodrigues, 1984, p.61). Porém, este autor baseia-se nos escritos da monografia *S. Gens de Cidai: Como nasceu a obra e como se vai realizando a obra*. O Abade Sousa Maia, recuperado por Rodrigues, defende que a capela *parece ter ali existido; cacos de telha antiga e vestígios de caliza poderão ainda agora encontrar os que quiserem documentação que de algum modo prova a existência, em tempos remotos, desse modesto edifício religioso*. A ingenuidade do Abade que achava que a caliza podia resistir ao tempo! E não consegue conceber uma construção que não fosse composta pelos materiais comuns no seu próprio tempo. Refere ainda que em tempos próximos ao da redação do artigo, em 1930, um velhinho dizia ter visto alguém a levar a soleira da porta para uma obra particular (Montano, 1930, p.1). Segundo Montano haveria documentação do século XV, que testemunhava um ermitão naquele lugar, tendo a inquisição de intervir. Ermitão esse, que tinha fama de santidade, que era descendente dos morgados da Carriça e que apresentou um elevado perigo de falta de ortodoxia. Este ermitão, descendente de uma família nobre, despoja-se dos seus bens e decide permanecer num local íngreme e de difícil acesso, distante das habitações. Neste trecho, a referência à inquisição no século XV, quando na realidade esta, começa a atuar no século XVI, mostra uma ânsia do autor por justificar o abandono do local, fazendo referências históricas irreais.

O abandono de anos, ou até mesmo de séculos, permitiu que a pequena ermida fosse desaparecendo no tempo e na memória das gentes. Muitos anos antes da publicação do artigo no jornal “O Trofense”, narra o abade que uma pastora, prendera um cordeiro à imagem do Santo, como promessa para o Mártir proteger o seu rebanho dos lobos. Devido à fuga do cordeiro a imagem cai e aparentemente deixa de ser vista. Tempos. Tempos mais tarde uma devota oriunda de Matosinhos encontra a imagem no chão,

“Vê-lo assim e condoer-se do estado de abandono em que [...] se encontrava foi, [...] obra de um momento. Toma S. Gens, nos braços, com carinho e resolve logo levá-lo envolto na sua própria mantilha para o lugar onde seja venerado” (Montano, 1930, p.1). De acordo com o que o Abade Sousa Maia a imagem original de São Gens, acabou por ia para a capela de Nossa Senhora da Nazaré, situada num monte da freguesia de São Tiago de Custóias. Após a chegada da imagem do Mártir, e a afluência de crentes ao mesmo, a capela e o monte receberam o nome deste Santo. Note-se como desta história que vai sendo acrescentada, constam elementos essenciais a qualquer “boa história”: a pastora - a figura feminina que descobre a imagem! Imagem que é de um santo e que por essa razão não é uma figuração qualquer. É uma imagem com força própria, mas que a pastora – certamente bem ignorante – não entende totalmente. Contudo é uma pessoa agradecida e deixa um cordeiro junto da imagem, enquanto penhor da proteção que havia recebido de São Gens. E a história em vez de seguir o percurso narrativo de outras congéneres, tem de sofrer mais um momento forte: a imagem transviada que outra mulher encontra e a que dedica toda a sua atenção e que recolhe. Desta vez não se trata de alguém de dentro da comunidade, se bem que fosse alguém das franjas dessa comunidade – uma pastora, mas sim de uma estranha à comunidade, vem de Matosinhos. A proteção operada por esta mulher salvaguardou o património sagrado. E colocou de novo a imagem no cimo de um monte, desta vez em freguesia vizinha, em Custóias. E o monte pode obter assim uma designação. E, finalmente, pela mão e imaginação de um clérigo piedoso, a imagem retorna a casa em espaço condigno, construído para a mesma e como materialização de um património devocional.

Em 1936, seis anos mais tarde, Carlos Martins Macedo Campos relê o artigo de Elmano Montano, sendo ele chefe do grupo 102 de escuteiros da Paróquia São Martinho de Bougado, reúne um grupo de jovens e juntos partem à descoberta da ermida de São Gens, no alto da Serra de Bougado.

“Pois chegámos à aldeia, de jornal na mão, ninguém foi capaz de nos dar qualquer informação da existência de alguma ermida ou simples lixo. Diziam-nos que das sete estacas se falavam, a capela deveria ser engano de quem escreveu. Houve apenas um dos homens mais velhos da aldeia, quem chamavam o “Ti Manel Damásio” que disse

que no alto da Serra havia umas bolsas se denominavam de “S. Gens”, mas da ermida nada sabia.” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.12).

Depois desta memória viva, na época, o grupo põe-se a caminho e chegando ao cimo do monte encontraram “fragmentos de telhão romano, que teriam dado cobertura à citada ermida. Não encontramos a soleira da porta e muito menos qualquer pedra que se relacionasse com a existência do velho tempo” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, pp.12-13).

Carlos Campos, a 6 de janeiro de 1948, reúne com alguns habitantes de Cidai na casa da D^a Blandina Dias Couto, manifestando a intenção de construir “um oratório ou capelinha num pequeno promontório “Alto da Fonte”, fronteiro à aldeia, onde não existiam habitações” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.13). O então chefe, do grupo 102 de escuteiros de São Martinho de Bougado, fica encarregue de pedir ao Padre Sebastião Cruz para trazer de Custóias a Imagem de São Gens, mediante um pagamento financiado pela D^a Blandina Dias Couto. Aquando da chegada do Padre Sebastião Cruz à casa de Carlos Campos, este último dá-lhe o jornal “O Trefense” e depois de ler o artigo, o Padre Sebastião Cruz “exclamou: interessante, eu desconhecia isto! E acrescentou: Não vamos pensar no seu pedido, mas sim construir a capela no mesmo lugar onde existiu a tal ermida. Sonhar alto? Talvez não!” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.13).

Carlos Campos relata que primeira comissão é criada, legalmente, aos 10 dias de outubro de 1948, tendo o Padre Sebastião Cruz (1918 – 1996) como presidente e Carlos Campos como tesoureiro. O primeiro mencionado, pela sua facilidade e conhecimento, no meio social e eclesiástico, desde cedo começa a tratar, junto de D. Agostinho de Jesus e Sousa – Bispo do Porto – da licença necessária para a construção de uma capela-monumento. (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.13). Segundo uma monografia – “S. Gens de Cidai: como nasceu a obra e como se vai realizando a obra” de 1951, em 1949, os homens de Cidai começam a desbravar o monte, criando assim, caminhos em terra batida, que iam até ao local onde seria construída a capela-monumento, desde o lugar de Cidai até ao cimo do monte.

É importante referenciar que o Padre Sebastião Cruz, nasceu em 1918 em Santiago de Bougado, mais concretamente em Cidai. Fez o doutoramento em Direito Romano na Pontifícia Universidade de Salamanca e o doutoramento em Direito na Universidade de

Coimbra. A partir de 1958, marca apresenta, anualmente, nos congressos internacionais de Direito Romano e de Direito Concordatário. Foi professor catedrático na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e lecionava, desde 1963, Direito Romano e Direito Concordatário Português. Falece em 1996, deixando uma vasta obra bibliográfica sobre o Direito Romano e o Direito Concordatário Português.

Aos 24 dias desse mesmo mês, é requerida, ao Bispo do Porto – D. Agostinho de Jesus e Sousa, a licença para construção da capela-monumento, sendo deferida quatro dias depois, ficando pendente a apresentação da planta por parte da comissão.

Estas decisões de construção da capela acontecem em pleno período do Estado Novo, onde a ideologia nacional tomava conta de todos das artes, do pensamento e do comportamento das gentes. Numa época de grandes alusões ao passado histórico e à monumentalidade nacional muitas das intervenções de restauro que aconteceram em espaços históricos tornam-se inspiradoras em novas construções.

Alusivo a esta identidade nacional, o espaço dedicado a São Gens, em Cidai, é desde logo referenciado como capela-monumento, fazendo alusão a uma infraestrutura importante para as gentes ou até mesmo para o estado. Durante o Estado Novo, *onde se destacam os momentos de triunfo da nação, ancestral de oito séculos, tiveram o complemento ideal e a marca de autenticidade nos monumentos* (Neto, 1999, p.131). A tese defendida pelo Abade de Sousa Maia em fazer a ligação ao povo romano, é secundada por este projeto de idealização de um culto da história na designação da capela enquanto monumento.

“Para estas avultadas obras, que custaram cerca de 12.000 contos fizemos peditórios em toda a paróquia de S. Tiago. A Câmara Municipal de Santo Tirso, da presidência do Dr. Adriano Fernandes Dias Azevedo, colaborou com dinheiro e grande dedicação, bem como boa ajuda nos deu o próprio Estado.

Tivemos também grande colaboração das paróquias circunvizinhas de São Martinho de Bougado, São Cristóvão do Muro, São João de Guidões, Santa Maria de Alvarelhos, e outras de Além-do-Ave. Também o grupo das madrinhas de S. Gens, os grandes amigos do Prof. Doutor Sebastião Cruz, e devotos colaboraram com substanciais ajudas.” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.14)

Após a aquisição dos avultados fundos, a obra de pedreiro é entregue a David Gomes, a 10 de abril de 1950, estando a comissão, ainda a definir com a Câmara Municipal de Santo Tirso uma via de acesso para a deslocação de material até ao local da obra. Na monografia editada sobre S. Gens de Cidai, a bênção solene da primeira pedra é realizada a 21 de maio de 1950 (Cruz, 1951, p. 45), a descrição deste momento encontra-se registado num pergaminho⁶⁸, assinado por várias pessoas que assistiram à cerimónia. Este pergaminho, encontra-se por baixo do altar-mor (Cruz, 1951, p. 45). No ano seguinte, a 27 de maio, com o Padre Sebastião Cruz, D. António Bento Martins Júnior – Arcebispo de Braga, visita a obra e o local. Nesse mesmo ano, no dia 23 do mês de setembro, por D. Manuel Gonçalves Cerejeira – Cardeal-Patriarca de Lisboa, participa na cerimónia da bênção solene, “com a assistência do Rev.^{do} Senhor Bispo do Porto e de várias autoridades civis, militares e académicas do País. Os escuteiros da Região do Porto tomaram parte activa na realização de tão notável evento” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.15).

A notícia da feitura da capela-monumento espalha-se, chegando a ser publicado um artigo no jornal *Voz de Portugal*, no Brasil, a 1 de abril de 1951.

A capela-monumento, singela e de construção simples, é construída em pleno Estado Novo e, como tal, segundo alguns identificativos com os ideais políticos deste regime, estava sujeita às exigências de verdade, harmonia e dignidade. De pequenas dimensões, a sua planta era em cruz latina, possuidora de uma só nave e desprovida de decoração, quer exteriormente, como interiormente. A capela-mor, despida de retábulo-mor, contém um painel azulejar⁶⁹ com a representação dos três momentos da vida São Genésio de Roma – Prisão, Martírio e Glorificação – permitindo a sua leitura, de baixo para cima. Ao centro, sobre duas colunas em talha, está presente o sacrário, encimado

⁶⁸ O pergaminho contém o seguinte texto: *AD PERPETUAM REI MEMORIAM – DIE VIGESIMA PRIMA MENSIS MAII ANNO DOMONI MILESIMO NONGENTESIMO QUINQUAGESIMO, DOMINICA INFRA OCTAVAM JESU CHRISTI ASCENSIONIS, REGNANTE PIO XII, SUMMO PONTIFICE, DECURRENTE GRATIAE ANNO SANCTO, SOLEMNITER HAEC PETRA, UT PRIMUM FUNDAMENTUM IN HONOREM SANCTI GENESII ORATORII, PRAESENTIBUS SIGNANTIBUS, BENEDICTA FUIT* (S. Gens: Como Nasceu a ideia e como se vai realizando a obra, 1951, p. 45).

⁶⁹ No painel azulejar encontra-se a seguinte inscrição: *F[bri]CA C. VALENTES IRMÃOS LDA / DEVEZAS / Antonio / 51 / OFERTA DA EX[celentissi]MA FAMÍLIA BORGES / PEREIRO SEIA.*

por uma peanha que contém a Imagem de São Gens, oferecida por D^a Blandina Dias Couto em 1951, aquando da bênção da capela-monumento. Exteriormente, a capela-monumento, na sua fachada, apresentava um portal com um arco de volta perfeita, de cinzelado simples e uma rosácea em forma de cruz – cujos braços eram arredondados, encimadas por uma cruz na cobertura de duas águas; de menores dimensões, mas com o mesmo traço artístico, do portal principal, as entradas laterais da capela e as de ambas as sacristias; existiam também duas janelas, de cada lado da nave, iguais à rosácea, mas de menores dimensões; possuía uma sineira, na cobertura, sobre o sacrário e o Santo devoto.

Simultaneamente à devoção a São Gens, é venerada Nossa Senhora da Alegria, um culto que permite a atração de devotos marianos, oriundos, sobretudo, do litoral. Com o tempo, aquele que um dia era um simples monte, coberto de vegetação natural, passou a ser atravessado por cabos elétricos, parques de estacionamento, arruamentos e a criação de um adro. Anos mais tarde é construída aquela que o Padre Sebastião Cruz denominava de *A Casa de Repouso dos Intelectuais*.

Com a debilitação do presidente da comissão e a perda de algumas capacidades, o Santuário de São Gens integrado na Paróquia de Santiago de Bougado, passa a ser de gestão paroquial. Como responsável máximo fica o Pároco, o Padre Armindo da Silva Gomes que tanto orgulho tinha nas obras ali feitas – “Esta obra é um dos “Santos” orgulhos – e bem – de Santiago de Bougado!” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.10).

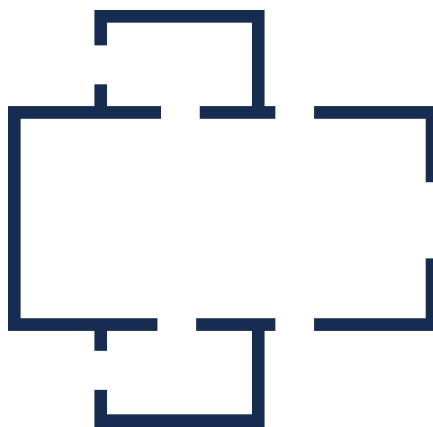
O Padre Armindo da Silva Gomes refere que “A Paróquia de Santiago de Bougado tem a obrigação moral de continuar e valorizar, sempre, este local. O recinto é espaçoso; maiores as responsabilidades e dificuldades!” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.10).

Em 1993, é colocada, no ponto mais alto do Santuário, a imagem de Nossa Senhora da Alegria, com cerca de 3 metros e 30 centímetros de altura, sobre uma base quadrangular de 20 centímetros. Toda esta escultura apresenta um embasamento em rocha de 1 metro e 50 centímetros, dando uma altura total de 5 metros ao monumento de Nossa

Senhora da Alegria⁷⁰. Neste ano é também construída a Alameda de Nossa Senhora da Alegria, uma via de acesso de consideráveis dimensões, em rampa, que permite a deslocação de fiéis até junto da Imagem da Virgem da Alegria.

A capela de São Gens sofre um aumento substancial em 1996, para sudoeste, ficando o seu portal principal no sentido oposto do original. Contudo o projeto apresentado à Diocese do Porto acaba por não ser concluído exatamente como fora apresentado no Processo Nº 674 (ver Figura 15). Mantendo a construção inicial da capela (Figura 13), a nave primitiva é alongada, dando origem ao novo altar-mor, aquela que um dia havia sido a Capela de São Gens, era agora convertida na capela-mor da nova construção, como podemos observar na Figura 13, que representa a obra finalizada. Nesta figura reparamos que a obra não é executada tal como é apresentada no projeto do processo Nº 674. Com esta ampliação, o espaço passa a possuir mais luminosidade, apresentando dezasseis vitrais – nove alusivos ao martírio ao São Gens, dois em homenagem às Gentes do Mar, e os restantes cinco alusivos à Virgem.

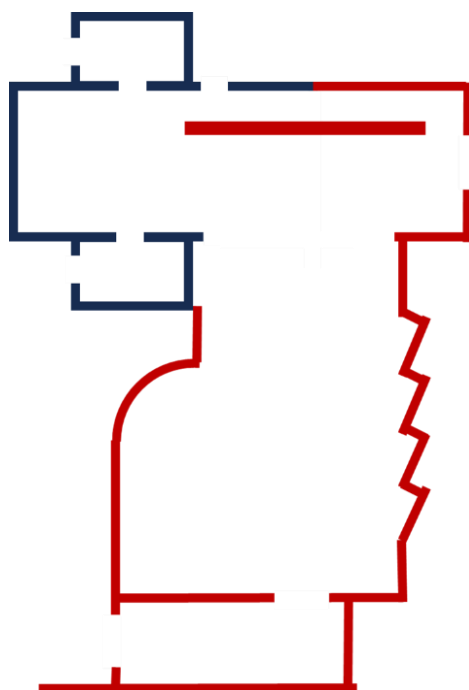
Figura 13 - Capela de São Gens de Cidai



Fonte: Fonte: Processo Nº 674 do Arquivo Diocesano do Porto.

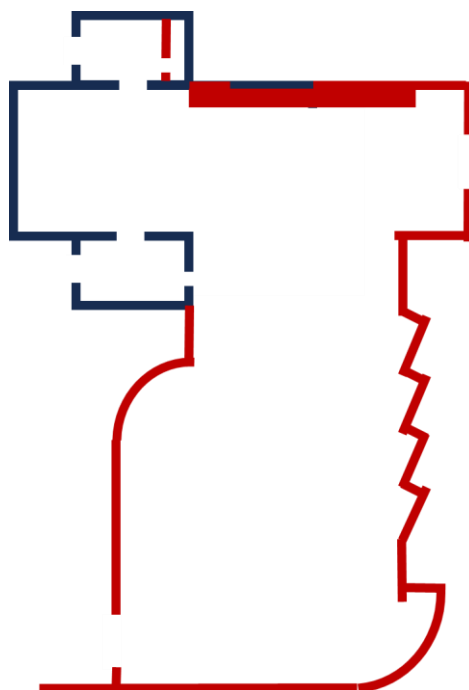
⁷⁰ Processo Nº 674 do Arquivo Diocesano do Porto.

Figura 14 - Projeto de Ampliação da Capela de São Gens de Cidai, apresentado à Diocese do Porto e à Câmara Municipal de Santo Tirso



Fonte: Fonte: Processo Nº 674 do Arquivo Diocesano do Porto.

Figura 15 - Projeto Concretizado de Ampliação da Capela de São Gens de Cidai



Em 1998 é construído um acesso pedonal até à capela, uma alameda e um escadório com cruzeiros de Via-Sacra. A alameda, denominada de *Alameda Padre Armindo da Silva Gomes* (em homenagem ao abade que impulsionou esta obra) tem início com o Cruzeiro Grande, que assenta numa base de quatro degraus e o escadório, é conhecido como *Escadório de São Gens de Cidai* ou *Calvário de São Gens de Cidai*. Os cruzeiros estão dispostos da seguinte forma: sete estão ao longo da alameda (contando com o Cruzeiro Grande), cinco estão ao longo do escadório, um no adro da capela e o último na elevação rochosa existente na parte terminal do adro.

Relativamente à *Casa de Repouso para Intelectuais*, fontes orais⁷¹ indicam que o Padre Sebastião Cruz a tinha entregado à Arquidiocese de Braga, sendo toda esta informação muito vaga. Muitas são as motivações possíveis do Professor, nomeadamente a ligação que o mesmo tinha aquela Arquidiocese. O certo é que este ato, descoberto após o falecimento do Padre Sebastião Cruz, deixou alguns bougadenses tristes e revoltados. Quando o Santuário fica sob a jurisdição paroquial, o Padre Armindo da Silva Gomes faz um peditório por toda a paróquia, comprando assim a casa. Após este acontecimento, a casa passa a denominar-se *Casa Montanha*, é restaurada e construído, junto a ela, um salão. A *Casa Montanha* passa a servir para as atividades pastorais que fossem necessárias na Paróquia de Santiago de Bougado.

Com chegada do novo Pároco a Santiago de Bougado, Padre Bruno Ferreira, a *Casa Montanha* está reservada a retiros dos diversos grupos e movimentos paroquiais e também, a grupos de sacerdotes.

A festa em honra de São Gens e de Nossa Senhora da Alegria obedecia a um plano estritamente pensado pelo Padre Sebastião Cruz, para as cerimónias de inauguração da capela para o dia 23 de setembro de 1951. Este plano é dado a conhecer, em 2004, numa monografia editada pelo Município da Trofa da autoria do Jornalista Costa Ferreira, que certamente presenciou estas cerimónias.

“Para haver melhor disciplina, publica-se a ordem de Peregrinação: 1. – um grupo de escoteiros; 2. – Associações, Irmandades e Confrarias de S. Cristóvão do Muro e

⁷¹ Pessoas que desempenham trabalho paroquial e com alguma idade com quem fui conversando ao longo do meu percurso como paroquiano e zelo pelo trabalho pastoral.

Homens (Povo) da mesma freguesia, acompanhados pelo seu Pároco (se estiver) ou de um seminarista; 3. – Idem, de Alvarelhos; 4. – Idem, de Guidões; 5. – Idem, de S. Simão da Junqueira; 6. – Idem, de Ferreiró; 7. – Idem, de Parada; 8. – Idem, de S. Martinho do Outeiro; 9. – Idem, de Fradelos; 10. – Idem, de Ribeirão; 11. – Idem, da Trofa; 12. – As Cruzadas das 11 freguesias atrás indicadas e pela mesma ordem; 13. – Anjinhos; 14. – Andor de S. Gens; 15. – Comissão de S. Gens; 16. – Presidência da Peregrinação; 17. – Carro sonoro; 18. – Organismos Femininos (JAC e JOC), com as suas insígnias, pela ordem seguintes: Bougado, Trofa, Ribeirão, Fradelos, S. Martinho do Outeiro, Parada, Ferreiró, S. Simão da Junqueira, Guidões, Alvarelhos e S. Cristóvão do Muro; 19. – Mulheres e povo em geral.” (Ferreira, 2004, p.91)

A peregrinação tinha início, onde agora se encontra o *Cruzeiro Grande*, e terminava junto à capela. Atualmente, desde 2019, a peregrinação começou a sair da capela e dando a volta à Imagem de Nossa Senhora da Alegria, regressava aquele que foi o ponto de partida. Ao longo dos anos, a partir de 1974, com o 25 de abril, a peregrinação foi sendo cada vez mais simples, deixando de lado toda a ornamentação que havia sido utilizada anteriormente, nos primeiros 23 anos do santuário.

Ainda hoje, peregrinos de paróquias vizinhas – São Martinho de Bougado, Alvarelhos, Muro, Covelas, Ribeirão, Vilarinho das Cambas, Fradelos, Lousado, Ferreiró, Parada (...) – ocorrem à capela de Cidai no seu dia de festa, no primeiro fim de semana de setembro⁷². E na segunda segunda-feira, a seguir à festa de São Gens de Nossa Senhora da Alegria, deslocam-se até Cidai as *Gentes do Mar* – oriundos de Vila do Conde, Póvoa de varzim (...).

“Centenas e centenas de pessoas têm recebido de S. Gens de Cidai graças especiais, favores extraordinários, principalmente no alívio de dores de rins e no bom resultado de operações cirúrgicas, a que se tiveram de sujeitar; e por isso têm vindo, ali, à sua Capela-Monumento de Cidai rezar e cumprir as suas promessas, de perto e de longe – Bougado, Trofa, Maia, Ribeirão, Lousado, Guidões, Alvarelhos, Póvoa de Varzim, Porto, S. João da Madeira, Coimbra, Lisboa, etc., etc.” (MAIA, CRUZ, GOMES, & CAMPOS, 1996, p.34)

⁷² Informação recolhida *in loco* na festa de São Gens e Nossa Senhora da Alegria, no dia 3 de setembro de 2023.

Em 2001, por altura dos cinquenta anos do Santuário, é colocado um busto, comemorativo, do Padre Sebastião Cruz, uma homenagem póstuma que o seu sucessor – na gestão do santuário, Padre Armindo da Silva Gomes e a Comissão de São Gens de Cidai quiseram prestar. Todo o espaço foi sofrendo ligeiras modificações ao longo destes vinte anos do século XXI – arranjo urbanístico na zona envolvente à Imagem de Nossa Senhora da Alegria, a criação de um parque de estacionamento num terreno doado por D^a. Blandina do Mira e a construção de novos sanitários nesse mesmo terreno.

São Gens de Cidai é uma crescente devoção, muito rápida, que ocorre a partir dos anos cinquenta do século XX. O seu exemplo da *Obra de São Gens* – como gostava de apelidar o Padre Armindo da Silva Gomes – é pouco comum. Este feito, muito se deve ao Padre Sebastião Cruz, e aos seus sucessores que muito se movimentaram e divulgaram, junto do Bispado do Porto, do Arcebispado de Braga e do Patriarcado de Lisboa, o culto ao Santo Mártir de Roma.

Considerações Finais

A investigação apresentada destinou-se a observar, descrever e analisar a freguesia da perspetiva do espaço religioso. Os centros de culto da paróquia que são das estruturas mais marcantes do espaço religioso, evidenciam a procura de soluções para perceções que os contemporâneos tiveram em relação à paróquia ao longo do século XX. Este estudo procurou fixar os fatores que levaram à ampliação estrutural de três capelas e de como se desenvolveu o processo e execução das obras.

O estudo sobre o aumento da população, permite justificar tais ampliações. Ao longo do século XX, ao redor da igreja e das capelas, à exceção da capela de São Gens, a malha do edificado vai ficando cada vez mais cerrada, mais preenchida, formando assim, uma aglomeração populacional de maior importância. Deste modo, também se procedeu à análise dos registos paroquiais de 1900 até 2020. Por um lado, poderia a curva demográfica justificar as ampliações, mas já as opções religiosas não decorrem da demografia e é interessante perceber os desfasamentos de ambas as curvas.

A Capela de Nossa Senhora do Desterro em Bairros e a Capela de Nossa Senhora da Livração sofreram substanciais aumentos na sua construção, em 1984 e em 1990 respetivamente, tendo por base o aumento populacional destes lugares, que parecia aconselhar a ampliação dos espaços. A Capela de São Gens em Cidai, associada ao Santuário de São Gens de Cidai, dá conta de um crescente culto, fundado e desenvolvido na segunda metade século XX, tornando-se assim num lugar de peregrinação. Em 1996 dá-se a ampliação desta capela, devido à impossibilidade de comportar o número de peregrinos que se deslocavam até São Gens de Cidai.

A igreja paroquial sofre uma grande intervenção de restauro, baseando-se o mesmo nos projetos do século XVIII de um arquiteto de renome, Nicolau Nasoni e nas pesquisas levadas a cabo, nos anos sessenta e setenta do século XX pelo historiador, Professor António Cruz. Esta intervenção permite a conclusão de uma obra que tinha ficado inacabada, mas que, entretanto, também já se tinha adaptado a outros tempos.

Porém, da história da *velha igreja* existe muito pouca informação, bem como da fundação das Capelas de Nossa Senhora do Desterro e de Nossa Senhora da Graça. Estas parecem ter estado sempre lá no território de Santiago de Bougado e por isso parecem

fazer parte de uma memória coletiva que não imagina o espaço senão com estas referências. O santuário de Cidai, a capela e devoção a S. Gens mostram o impacto que, num tempo curto, a ação conjunta de um Professor de Direito Romano, a vontade de um grupo de pessoas que tanto queriam que a sua terra se inscrevesse em linha direta na ocupação romana deste território e que procuravam testemunhos materiais deste passado, e ainda a devoção redescoberta a um santo mártir, S. Gens, puderam ter. A Capela de São Gens, revela uma envolvente bastante densa e um desenvolvimento de infraestruturas deste território até então bastante deixado entregue à natureza.

O caso das imagens com invocações desconhecidas na capela da Senhora do Desterro e que afinal ainda em 1910 eram descritas no inventário, como atrás se referiu, mostra a fragilidade das memórias individuais e coletiva.

Grande parte deste trabalho evidenciou o património edificado, os lugares de culto, e os seus interiores, povoados de imagens, de pinturas, de azulejos e de vitrais. Todo este património encontrou-se ou encontra-se ao serviço de uma relação entre a assembleia de fiéis e o seu Deus. Significando isto que há todo um património imaterial que deve ser tido em conta quando se foca este que aqui ficou tratado. De todos os casos aqui sob observação, o caso de S. Gens pode ser considerado paradigmático.

Bibliografia

- Almeida, F. (1967). *História da Igreja em Portugal*. (Vol. I). Porto: Portucalense Editora.
- Almeida, F. (1969). *História da Igreja em Portugal*. (Vol. II). Porto: Portucalense Editora.
- Almeida, F. (1970). *História da Igreja em Portugal*. (Vol. III). Porto: Portucalense Editora.
- Almeida, F. (1971). *História da Igreja em Portugal*. (Vol. IV). Porto: Portucalense Editora.
- Azevedo, C. M. (2000). *História Religiosa de Portugal*. Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Azevedo, C. M. (2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. (Vol. J-P). Lisboa: Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.
- Azevedo, C. M. (2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. (Vol. P-V). Lisboa: Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.
- Azevedo, C. M. (Dir.) (2000). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. (Vol. C-I). Lisboa: Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.
- Azevedo, C. M. (Dir.) (2000). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. (Vol. A-C). Lisboa: Círculo de Leitores SA & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.
- Azevedo, C. A. M. (2014). *Catedral do Porto*. Porto: Cabido Portucalense.
- Bethencourt, F. (1994). *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Bíblia Sagrada*. (2006). Cucujães: Editorial Missões.
- Bougado, P. S. (2012). *Pároco 50 anos, Padre Armindo\ Santiago de Bougado*. Trofa: Paróquia de Santiago de Bougado.
- Brites, J., & Correia, M. (2019). *Obras Públicas no Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Campos, C. (1990). *A Capela de Nossa Senhora da Livração em Lantemil: Santiago de Bougado (Trofa)*. Trofa: Editora Sólivros de Portugal.
- Cardoso, L. (1747). *Dicionario Geografico ou Noticia Historica: de todas as Cidade, Villas, Lugares, Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos, Lugares, Algarve, com*

- todas as cousas raras, que nelles se encontao, assim antigas, como modernas* (Vol. 1). Lisboa: Regia Officina Sylviana e Academia Real.
- Cardoso, L. (1751). *Dicionario Geografico ou Noticia Historica: de todas as Cidade, Villas, Lugares, Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos, Lugares, Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontao, assim antigas, como modernas* (Vol. 2). Lisboa: Regia Officina Sylviana e Academia Real.
- Codex Iuris Canonici*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_la.html.
- Consiglieri, V. (1999). *A morfologia da arquitectura 1920 – 1970* (3ªed., Vol.I). Lisboa: Editorial estampa.
- Costa, A. C. (1986). *Corografia portugueza, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas & lugares, que contem, varões illustres, genealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens* (2ª ed., Vol. 1). Braga: Typographia de Domingos Gonçalves Gouveia.
- Cruz, A. (1940). *Uma Obra de Nasoni Desconhecida (Igreja Matris de Sant'Iago de Bougado)*. Porto: Imprensa Moderna.
- Cruz, A. (1982). *O Reguengo de Bougado: Intrdução Ao estudo da terra e do homem*. Trofa: Editora Sólivros de Portugal
- Cruz, A. (1985). *Nasoni, Arquitecto da Igreja de Bougado*. Porto: Cadernos Portucale.
- Cruz, S. (1951). *S. Gens de Cidai, como nasceu a ideia e como se vai realizando a obra*. Braga: Livraria Cruz.
- Cunha, J. A. (2010). *A Igreja de Santo António de Moscavide: história de um caminho não percorrido*. Didaskalia XL.
- Cunha, J. A. (2019). *Um ano em torno da arquitetura religiosa moderna*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa.
- Fernandes, A. A. (1997). *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca.
- Ferreira, C. (1999). *Concelho da Trofa: A formação do município e o trabalho efectuado pela comissão promotora*. Trofa: Editora Sólivros de Portugal.
- Ferreira, C. (2002) *Concelho da Trofa*. Guimarães: Cidade Berço.

- Ferreira, C. (2003). *Cadernos Culturais: O Doutor António Cruz e o Reguengo de Bougado* (Vol. IX). Trofa: Município da Trofa.
- Ferreira, A. E. A., et al. (2001). *Cadernos Culturais: Memórias Das Gentes Da Trofa Nos Limiares Do Século XX* (Vol. III). Trofa: Município da Trofa.
- Ferreira, C. (2004). *Cadernos Culturais: Santuário de S. Gens de Cidai* (Vol. X). Trofa: Município da Trofa.
- Gombrich, E. (1981). *História da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar
- Iñiguez, D. A. (1969). *Historia del arte* (Vol. II). Madrid: Distribuidor E.I.S.A.
- Lopes, B. H., & Queiroz, F. (2013). *A Igreja e a Torre dos Clérigos*. Porto: Irmandade dos Clérigos.
- Maia, A. S., et al. (1996). *S. Gens de Cidai*. Trofa: Editora Sólivros de Portugal.
- Maia, R. L. (2003). *Nicolau Nasoni no contexto da arquitectura barroca em A obra nasce: revista de arquitectura da Universidade Fernando Pessoa*. (2023). 96-123. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa.
- Marques, J. L. (2017). *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. (Tese de Doutoramento em Arquitetura). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/110753>.
- Marques, J. L. (2011). *The church in the city: The churchyard in Parish Church*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- Martirologio Romano*. (2013). Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa.
- Muela, J. C. (2020). *Iconografía de los santos*. Madrid: Ediciones Akal
- Muela, J. C. (2021). *Iconografía cristiana*. Madrid: Ediciones Akal.
- Neto, M. J. B. (1999). *Os Restauros da Catedral de Lisboa à Luz da Mentalidade do Tempo em Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam* (Vol. 2). 131-141 Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://catalogo.up.pt/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/KC718I3I3VDYGVETRJVFXCA878GBB.pdf.
- Peralta, E., & Anico, M. (2006). *Patrimónios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editores.
- Pereira, N. (1947). *A Arquitetura Cistã Contemporânea*. *Ala* (67, 2-4).

- Pereira. P. (1995). *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Pereira. P. (1995). *História da Arte Portuguesa: Do «Modo» Gótico ao Maneirismo* (Vol.2). Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Pereira. P. (1995). *História da Arte Portuguesa: Do Barroco à Contemporaneidade* (Vol.3). Casais de Mem Martins: Círculo de Leitores.
- Pinto. A.N. (1976). *Os Bougados, freguesias de S Martinho e de Santiago nas “Memórias Paroquiais” do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*. Trofa: Sólivos de Portugal, D.L.
- Réau. L., (2000). *Iconografía del arte cristiano* (Tomo 2. Vol. 3). Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Réau. L., (2001). *Iconografía del arte cristiano* (Tomo 2. Vol. 4). Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Ribeiro. N. (2021). *Património da Trofa: Revisitar a Igreja de Santiago de Bougado*. Trofa: Câmara Municipal da Trofa.
- Rodrigues, A. (1981). *Misérias e Grandezas das Terras de Bougado*. Trofa: Livraria Sólivos de Portugal.
- Rodrigues, A. (1987). *Senhora do Desterro: Bairros – São Tiago de Bougado*. Trofa: Livraria Sólivos de Portugal.
- Rodrigues, A. (s.d). *Subsídios para a história da Trofa*. Trofa: Editora Sólivos de Portugal.
- Smith, R. C. (1966). *Nicolau Nasoni: Aquiteto do Porto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Smith, R. C. (1973). *Nicolau Nasoni*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Snyder, J. R. (2006). *A Estética do Barroco*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Tavares. J. C. (1990). *Dicionário de Santos: hagiológico, iconográfico, de atributos, de artes e profissões, de padroados, de compositores de música religiosa*. Porto: Lello & Irmão.
- Vasconcelos. F. (1972). *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Verdete. C. (2018). *História da Igreja Católica: Do Cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX* (3ª ed., Vol.II). Lisboa: Paulus Editora.
- Verdete. C. (2021). *História da Igreja Católica: Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)* (Vol.I). Lisboa: Paulus Editora.

Verdete. C. (2021). *História da Igreja Católica: O século XX e o início do III milénio* (Vol.III). Lisboa: Paulus Editora.

Fontes

I – Fontes Arquivísticas

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT):

ANTT, Mosteiro do Salvador de Moreira 0907/1789, Documentos relativos ao exercício da jurisdição, às igrejas e às propriedades do Mosteiro 0907/1693, Março 1. 0907/1002. PT/TT/MSM/A/M01.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, tom 7, B2, nº 52, p.1097-1086 PT/TT/MPRQ/7/52.

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças (ACMF):

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças, Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Poto, Santo Tirso, Arrolamentos dos Bens Cultuais, Bougado PT/ACMF/CJBC/ PTO/STI/ARROL/006.

Arquivo Distrital do Porto (ADPRT):

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1898-01-01/1901-12-24. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0026.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1902-01-13/1902-12-28. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0027.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1903-01-25/1903-12-27. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0028.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1904-01-05/19024-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0029.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1905-01-28/1905-12-30. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0030.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1906-01-09/1906-12-26. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0031.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1907-01-05/1907-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0032.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1908-01-05/1908-12-10. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0033.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1909-01-02/1909-12-28. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0034.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1910-01-12/1910-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0035.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1911-01-05/1911-03-25. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0036.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de baptismos_1911-03-23/1911-03-23. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/001/0037.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1900-01-25/1900-12-20. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0037.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1901-02-16/1901-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0038.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1902-04-05/1902-12-28. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0039.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1903-01-03/1903-12-24. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0040.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1904-01-24/1904-10-17. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0041.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1905-01-01/1905-10-15. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0042.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1906-01-13/1906-12-08. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0043.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1907-01-15/1907-11-30. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0044.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1908-01-18/1908-12-19. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0045.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1909-01-05/1909-12-07. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0046.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1910-05-18/1910-12-20. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0047.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de casamentos 1911-02-12/1911-03-28. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/002/0048.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1900-01-10/1900-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0037.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1901-01-11/1901-12-27. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0038.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1902-01-02/1902-12-15. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0039.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1903-01-26/1903-12-23. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0040.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1904-01-04/1904-12-29. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0041.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1905-01-13/1905-12-30. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0042.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1906-01-25/1906-12-25. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0043.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1907-01-07/1907-12-22. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0044.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1908-01-26/1908-12-31. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0045.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1909-01-01/1909-12-23. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0046.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1910-01-01/1910-12-30. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0047.

ADP, Paróquia, Paróquia Santiago de Bougado, Registos de óbitos 1911-01-06/1911-03-29. PT/ADPRT/PRQ/PSTS21/003/0048.

Arquivo Municipal da Trofa (AMT):

[Não foi partilhada a informação sobre a descrição arquivística]

Processo n.º 1521/83 – Projeto para a Conclusão do Teto da Igreja de Santiago de Bougado: 1983.

Processo n.º 213/85 – Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora do Desterro, Bairros: 1985

Processo n.º 1917/88 – Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração, Lantemil: 1988.

Arquivo Diocesano do Porto (ADP):

[Não foi partilhada a informação sobre a descrição arquivística]

Processo n.º 53 – Projeto de Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora do Desterro, Bairros: 1985

Processo n.º 601 – Projeto de Ampliação da Capela de Nossa Senhora da Livração, Lantemil: 1988.

Processo n.º 674 – Projeto de Ampliação da Capela de São Gens, Cidai: 1996.

Arquivo Paroquial de Santiago de Bougado (APSTB):

[Arquivo sem descrição arquivística]

Reforma do inventário das alfaia e paramentos da Capela de Nossa Senhora do Desterro:
15 de maio de 1910.

Registos Paroquiais – Baptismos/Casamento/Óbitos: 1911 2020.

II – Fontes Impressas

Recenseamento Geral da População Portuguesa (de 1864 a 2011). Disponíveis em:
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE.

I. G. E. (1997). Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Série M888. Folha 97. (3ª ed.).
Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

I. G. E. (2011). Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Série M888. Folha 97. (4ª ed.).
Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

C. M. T. (2023). *Câmara Municipal da Trofa: Plano Diretor Municipal*. Disponível em:
<https://sig.mun-trofa.pt/PDM#14/41.3303/-8.5789>.

III – Periódicos

- (2007, outubro). S. Gens e Igreja. *O Trofense*,
- Dias, D. (1996, Outubro 3). A Igreja Matriz de Bougado. *Voz da Trofa*, 3.
- Dias, D. (1996, Setembro 19). S. Gens de Cidai. *Voz da Trofa*, 6.
- Ferreira, J. (1952, Fevereiro 9). Por Terras de Bougado. *Jornal de Famalicão*, 3.
- Ferreira, J. (1952, Setembro 20). S. Gens de Cidai: Um monte de pinheiros e rochas transformado num lindo Santuário. *Jornal de Famalicão*, 2.
- Joan. (1995, Dezembro 1). S. Gens de Bougado. *Jornal de Famalicão*, 2.
- Jofe. (1995, Maio 7). Aqui S. Gens... . *Jornal de Famalicão*, 7.
- Montano, H. (1930, Abril 6). S. Gens. *O Trofense*, 1.
- Rodrigues, A. (1985, Dezembro 25). S. Tiago de Bougado – 85. *Voz da Trofa*, 7.
- Rodrigues, A. (1996, Junho 20). Centenário da Capela de Nossa Senhora da Livração. *Voz da Trofa*, 5.
- Rodrigues, A. (2005. Dezembro 30). Memórias da Trofa. 18.

IV – Fontes Legislativas

- 20.02.1911: Diário do Governo n.º 41/1911. Disponível em: <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1911/02/04100.pdf>.
- 28.06.1984: n.º 148/1984, Série I. Lei n.º 19/84, de 28 de junho. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/19-1984-387339>.
- 29.07.1993: n.º 153/1993, Série I-A. Lei n.º 29/93, de 2 de julho. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/29-1993-373868>.
- 14.12.1998: n.º 287/1998, Série I-A. Lei n.º 83/98, de 14 de dezembro. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/83-1998-220948>.
- 28.01.2013: n.º 19/2013, 1º Suplemento, Série I. Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/11-a-2013-373798>.

Anexos

Anexo 1 - Memória Descritiva do Projto de Nicolau Nasoni par a Igreja de Santiago de Bougado

“Os alicerces da igreja terão de sapata palmo fora, e palmo dentro; a capella mór lageada e altar de pedra e seus degraus como está na planta; a grade de páo á entrada da capella mór para a comunhão; as portas da sachristia e janellas onde [estão, sendo?] os altares da igreja quatro, também de pedra, e pia de batisar com seu armario onde está e pias d'agoa benta, as portas travessas e grades serão de conçoeiras enrelhadas com dobradiças capazes, com suas chaves tambem capazes e fechaduras, tingidas de vermelho com duas mãos d'oleo fervido, o pulpito será de grades de balaustres, e tambem a grade do arco do côro, e todas tingidas de cor de pedra; os ferros das grades serão de grossura bastante, nem mais delgados dos velhos; as grades não serão mais largas de palmo em quadro; os caixilhos das vidraças também de castanho com conçoeira; os vidros capazes com suas redes por fora e tudo envernizado tanto o páo como o ferro; todas as paredes guarneçadas de cal bem direitas e caiadas de branco; as abobadas de tijollo bem feitas e brancas; o madeiramento do telhado será de castanho, sem ter em si outra casta de madeira; os barrotes serão de bitola como os velhos da igreja, que esses poderão servir; as linhas serão de oito palmos, ou dez de vão, terão na ponta um palmo de grosso e o mais madeiramento á proporção, as ripas serão capazes e de receber, e todos os madeiramentos feitos segundo a arte com bôa pregaria, e tudo será revisto de mestres das obras; se a madeira for má e alguma cousa mal feita serão obrigados os mestres a tornar a fazer tudo á sua custa, dando primeiro juramento aos louvados do que julgam a sua consciencia a tudo o que aqui expressamente senão declara por falta de palavras com tanto que for necessario para bom fim da obra se em dará por expresso como se aqui fosse declarado, e deixado só por inadvertencia tanto que não seja acrescentamento ou innovamento de planta, porque n'elle tudo está bem claro, e o mestre que tomar esta obra será obrigado a dar a igreja acabada a porta fechada sem lhe faltar nada e

que será para esta obra serão os freguezes obrigados acarretar o tijollo, telha e cal que for precisa digo que for necessário para a sobredita obra, dando-lhe o mestre a cal fora dos muros da cidade, para d'ahi a levarem para a dita obra; e que se declara mais que se tira da altura da planta em roda palmo e meio de altura, excepto na fronteira, que está abatida como deve ser, e se declara mais, a pedraria para a esquadria da dita obra, se cortará no monte de São Christovão do Muro, e a alvenaria se tira do meio da freguezia á parte do poente, que sempre será capaz para que fique segura a dita obra, e que o mestre que tomar a obra será obrigado a deixar primeiro que desfaça a velha como do coberto em que o povo possa ouvir missa, de sorte que a obra corra sempre e fique o povo tambem accomodado; e que sendo necessario que vá ver a dita se vai na forma da planta e com toda a segurança; e juntamente riscar e determinar o que só for necessario para melhor da obra. E irá o dito Nicolau Nazoni que fez o risco da dita planta, riscar e determinar, não parando nunca a dita obra pela sua falta, o qual irá á custa do deposito, e não por conta do mestre. E que outro-sim se fará outra planta irmã para segurança se se perder ou tiver desvio a outra, a qual assignará o mestre que tomar a obra; e que será mais obrigado o mestre que tomar a dita obra a por um letreiro gravado sobre a porta principal da igreja no sitio que já para isso está determinado, o qual dirá as palavras seguintes: = Todo este templo mandou fazer por sua grande piedade o Excellentissimo Senhor Dom Diogo Marques Mourato, abbade que foi d'esta igreja e bispo de Miranda. Anno de tal. E também se lhe porá no logar destinado as suas armas.” (Cruz, 1940, p. 6 a 8).

Fonte: Cruz, A. (1940). *Uma Obra de Nazoni Desconhecida (Igreja Matris de Sant'ago de Bougado)*. Porto: Imprensa Moderna.

Anexo 2 - Registo dos óbitos, casamentos e batismos da Paróquia de Santiago de Bougado

Ano	Baptizados	Casamentos	Óbitos	Ano	Baptizados	Casamentos	Óbitos
1900	54	15	24	1934	89	30	20
1901	65	18	29	1935	71	23	34
1902	50	9	31	1936	84	14	30
1903	54	9	28	1937	90	25	65
1904	60	16	36	1938	79	7	38
1905	53	17	29	1939	83	20	29
1906	61	13	34	1940	84	23	42
1907	82	10	29	1941	66	13	42
1908	51	14	28	1942	79	22	44
1909	69	20	45	1943	74	17	38
1910	59	10	36	1944	79	35	45
1911	67	11	64	1945	100	30	32
1912	67	13	34	1946	85	32	37
1913	71	14	26	1947	97	23	35
1914	56	15	31	1948	116	32	35
1915	70	10	24	1949	105	25	34
1916	58	14	39	1950	103	25	41
1917	58	10	24	1951	108	21	30
1918	70	12	62	1952	113	24	40
1919	60	14	62	1953	111	28	22
1920	72	23	50	1954	94	22	39
1921	69	16	40	1955	121	28	34
1922	82	14	35	1956	134	31	42
1923	57	12	42	1957	125	34	38
1924	74	10	41	1958	104	44	34
1925	63	12	25	1959	130	37	35
1926	67	16	40	1960	131	38	43
1927	64	21	34	1961	131	33	35
1928	73	16	39	1959	130	37	35
1929	67	20	38	1960	131	38	43
1930	76	18	25	1961	131	33	35
1931	62	18	39	1962	144	32	30
1932	78	28	38	1963	129	23	31
1933	78	21	33	1964	133	55	36

Ano	Baptizados	Casamentos	Óbitos	Ano	Baptizados	Casamentos	Óbitos
1965	137	42	37	1993	98	56	42
1966	154	50	34	1994	97	43	50
1967	161	36	34	1995	99	41	44
1968	125	42	34	1996	80	24	39
1969	128	48	43	1997	82	46	36
1970	104	58	37	1998	70	36	50
1971	145	69	38	1999	87	58	40
1972	116	57	26	2000	82	51	41
1973	112	46	31	2001	82	39	31
1974	110	63	46	2002	57	30	47
1975	137	101	30	2003	63	31	42
1976	114	92	30	2004	56	27	46
1977	124	95	40	2005	57	23	47
1978	111	71	24	2006	47	16	37
1979	112	69	37	2007	37	19	67
1980	111	62	35	2008	40	22	56
1981	117	86	38	2009	42	14	34
1982	107	66	40	2010	31	16	51
1983	121	66	43	2011	43	15	41
1984	123	92	32	2012	30	13	40
1985	119	60	37	2013	45	23	46
1986	120	71	28	2014	45	23	56
1987	100	64	31	2015	40	13	55
1988	94	72	41	2016	50	19	42
1989	125	68	42	2017	41	10	49
1990	105	61	41	2018	52	24	45
1991	106	50	36	2019	44	19	56
1992	111	61	36	2020	26	4	42

Fonte: Livros do registo paroquial, 1911 a 2020

Anexo 3 - Fachada da Igreja de Santiago de Bougado



Fonte: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/paroquia/centros-de-culto/igreja-matriz.html>

Anexo 4 - Interio da Igreja de Santiago de Bougado



Fonte: <http://paroquiadebougado.pt/index.php/paroquia/centros-de-culto/igreja-matriz.html>

Anexo 5 - Capela de Nossa Senhora da Graça



Fonte: Rodrigues, A. (1984). *Misérias e Grandezas das Terras de Bougado* (Vol. 2). Trofa: Livraria Sólivos de Portugal.

Anexo 6 - Capela de Nossa Senhora do Desterro Atualmente



Fonte: <http://paroqueiadebougado.pt/index.php/paroquia/centros-de-culto/capela-de-bairros.html>

Anexo 7 - Capela de Nossa Senhora da Livração Antes da Ampliação



Fonte: <http://parquiadebougado.pt/index.php/parquia/centros-de-culto/capela-de-lantemil.html>

Anexo 8 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Principal



Fonte: <https://guiaempresas.pt/igreja/trofa/capela-de-nossa-senhora-da-liv/>

Anexo 8 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Antiga



Fonte: <https://www.musorbis.com/trofa-e-os-seus-orgaos-de-tubos/>

Anexo 9 - Capela de São Gens Antes da Ampliação



Fonte: Rodrigues, A. (1984). *Misérias e Grandezas das Terras de Bougado* (Vol. 2). Trofa: Livraria Sólivos de Portugal.

Anexo 10 - Capela de São Gens Atualmente – Fachada Principal



Fonte: <https://www.onoticiasdatrofa.pt/cronica-sao-gens-e-sua-capela-uma-historia-de-seculos-2/>

Anexo 11 - Capela de Nossa Senhora da Livração Atualmente – Fachada Antiga



Fonte: Ferreira. C. (2004). Cadernos Culturais: Santuário de S. Gens de Cidai (Vol. X). Trofa: Município da Trofa.